

John Deely

O QUE DISTINGUE O ENTENDIMENTO HUMANO?

Tradução
Igor Barbosa

Estudo introdutório
Prof. Robert Junqueira





Editor:
Thomaz Perroni

Tradução:
William Tavares Passarini

Estudo introdutório:
Prof. Robert Junqueira

Revisão:
Tamara Fraislebem Denardi

Preparação de texto:
Danilo Carandina

Diagramação:
Virginia Morais

Capa:
Vicente Pessoa

Revisão de provas:
Natália R. Colombo
Juliana Gurgel
Núria Rampazo Giacopini

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Sílvio Grimaldo de Camargo

O que distingue o entendimento humano?

John Deely

1ª edição — junho de 2024 — CEDET

Título original: *What Distinguishes Human Understanding?*

Copyright © by Saint Augustine's Press, 2002

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e
Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,
Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Deely, John (1942–2017)

O que distingue o entendimento humano? / John Deely;
tradução de William Tavares Passarini — Campinas, SP:
Vide Editorial, 2024.

ISBN: 978-85-9507-239-8

1. Epistemologia. 2. Estrutura do conhecimento.

I. Autor. II. Título.

CDD — 120 / 121.4

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Epistemologia — 120

2. Estrutura do conhecimento — 121.4

VIDE EDITORIAL — www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer
reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica,
mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução,
sem permissão expressa do editor.

Sumário

ESTUDO INTRODUTÓRIO

As fontes latinas de Deely: o caso do Curso Conimbricense 9
pelo Prof. Robert Junqueira

Prefácio do autor71

O que distingue o entendimento humano?

Preâmbulo..... 81

1. Requisitos da discussão..... 83

2. Fundamentos naturais do ponto de vista semiótico..... 93

3. A semiose da sensação.....109

4. Da sensação ao Umwelt entendido como o mundo objetivo
específico da espécie 113

5. Como o caráter distintivo da semiose é possível em geral?..... 121

6. Uma semiose para além da percepção139

7. A dependência do entendimento com relação à semiose perceptual.....175

8. A linguagem e o entendimento como uma só semiose exaptada183

9. O animal semiótico.....187

APÊNDICE: Definição de Umwelt..... 189

Referências historicamente estratificadas207

Índice remissivo..... 233

*Este livro é dedicado a Timm, com dois “m”:
o primeiro é pela sua esposa Mary,
e o segundo é pelos seus filhos Mitchell e Madeline.*

ESTUDO INTRODUTÓRIO

As fontes latinas de Deely: o caso do Curso Conimbricense

Prof. Robert Junqueira,
do Instituto de Estudos Filosóficos
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

“A vida constitui um longo percurso repleto de sinais.
Portanto, ao atravessar as rotinas, não complique a sua mente.
Fuja do ódio, da maldade e do ciúme. Não sepulte os seus
pensamentos, submeta a sua visão à realidade. Desperte e viva!”.
— Bob Marley

Em 26 de abril de 1942, na cidade de Chicago, nascia o nosso autor. Pode dizer-se com efeito que John Deely nasceu em berço de ouro, i.e., no sítio e no tempo certos.

Conforme nos comunicou Kermit Snelson, no dia 14 de janeiro de 2023,¹ o cabal estabelecimento do movimento científico entre nós disseminado sob o signo da “semiótica” radica em Chicago, tendo-se iniciado a partir dos órgãos editoriais da revista *The Monist*, onde foram publicados textos de Charles S. Peirce (1839–1914) a partir da década de 1890.²

¹ Comunicação pessoal através de correio eletrónico. Sobre este membro da comunidade do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Snelson, pode visitar-se o seu perfil CIÊNCIAVITAE (3912–13C6–421B).

² Entre os textos de Peirce com maior repercussão até aos dias de hoje, alguns foram publicados na *The Monist*, entre os quais “The Architecture of Theories” (1891), “The Law of Mind” (1892) e “Evolutionary Love” (1893). A *Monista* (a revista *The Monist*), por sinal, permanece em atividade e continua a publicar até aos nossos dias.

Há que atender, mesmo que brevemente, à surpreendente e interdisciplinar convergência de movimentos intelectuais na Universidade de Chicago ao longo de todo o século xx, sobretudo, mas não apenas, durante a sua primeira metade.

Snelson expôs muito claramente a situação quando convocou a nossa atenção para os seguintes factos: *i*) também nos anos 1890 dois famosos alunos de Peirce, John Dewey (1859–1952) e Thorstein Veblen (1857–1929), foram recrutados para a Universidade de Chicago; *ii*) a partir dos anos 1930 encontravam-se ali figuras incontornáveis de diversas áreas científicas, como Nicolas Rashevsky (1899–1972), da biologia matemática; Ludwig von Bertalanffy (1901–1972), da teoria geral dos sistemas; Rudolf Carnap (1891–1970), da lógica; Walter Pitts (1923–1969), da cibernética; e Thomas Albert Sebeok (1920–2001), da semiótica.

Enquanto Sebeok era lá estudante, a Universidade de Chicago albergava dois movimentos filosóficos opostos de forma drástica: o movimento modernista da unidade das ciências, organizado pelo mestre de Sebeok, Charles Morris (1901–1979), e o movimento greco-latino ou classicista — porque neoaristotélico e neotomista — representado pelo mestre de Deely, Mortimer Adler (1902–2001).

Na ausência desta miscigenação de influxos e sensibilidades na atmosfera anglófona da Universidade de Chicago aquando da formação de Sebeok, disse-nos Snelson para concluir a sua missiva, não teria podido surgir o John Deely assim como o conhecemos hoje, isto é, agora que a sua trajetória de vida passou à história.

Deely chegou ao fim do tempo em que era mais do que um objeto das nossas semioses públicas ou privadas — isto é, ao término da sua subjetividade — a ensinar na atmosfera anglófona do Saint Vincent College e do Saint Vincent Seminary (em Latrobe, Pensilvânia), tendo transitado com sucesso para o além em janeiro de 2017.³

³ Um bom ponto de partida para o estudo sobre a vida e as obras de John Deely poderá encontrar-se in: Baranna Baker et al., “Opening Ceremony, by IO2S DEELY”, <https://doi.org/10.5281/zenodo.5832152>; Paul Cobley, Donald Favareau, e Kalevi Kull, “John Deely, from the Point of View of Biosemiotics”, *Biosemiotics* 10, n. 1 (abril de 2017): 1–4, <https://doi.org/10.1007/s12304-017-9291-x>; Brooke Williams Deely e Semiotic Society of America, “John Deely and His Vocation as a Philosopher: From New Mexico to Mexico to the Universe”, *The American Journal of Semiotics* 34, n. 1/2 (2018): 5–15, <https://doi.org/10.5840/ajs2018341/21>, sendo aliás de recomendar a leitura de todo o tomo 1/2, coordenado por Jamin Pelkey e Christopher S. Morrissey, do volume 34 desta revista, pois é na íntegra

O *corpus* deelyano ativo é vasto e diversificado, encontrando-se sempre em língua inglesa, ainda que as traduções continuem a aparecer. Como veremos mais à frente, Deely produziu obras de cariz historiográfico e outras lavradas para responder a necessidades mais sistemáticas.

Dentre as suas monografias,⁴ antes d’*O que distingue o entendimento humano?*, foi dada à lusofonia a possibilidade de ler a *Semiótica Básica* (trad. de Júlio Pinto), uma introdução à semiótica de pendor marcadamente sistemático que a *Ática* publicou em 2006, e *Introdução à semiótica: história e doutrina* (trad. de Vivina de Campos Figueiredo), uma introdução de pendor mais historiográfico publicada em 1995 pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Obra originalmente publicada em inglês, no ano de 2002, *O que distingue o entendimento humano?* pertence ao período a que podemos designar como sendo o do princípio do último John Deely.

Nas duas derradeiras décadas da sua carreira, Deely continuou a publicar a um ritmo de tal forma acelerado que pode ser razoável subdividir “o último John” sob dois signos: o do “John tardio”, da década de 2000, e o do “saudosos por antecipação”, correspondente ao grosso da década de 2010.⁵

Caracterizada por uma síntese que procura generalizar a questão que serve de título ao livro que acaba de ser evocado⁶ e por uma seminal narrativa historiográfica dedicada ao período da gestação latina da humana aperceção semiótica,⁷ a entrada no segundo período do

dedicado à memória de John; Semiotic Society of America, “John N. Deely (26 April 1942–2017 January 7)”, *The American Journal of Semiotics* 32, n. 1 (2016): 1–5, <https://doi.org/10.5840/ajs2016321/44>.

⁴ Sendo que também um artigo de Deely foi vertido para a nossa língua, a saber: “Um novo começo da filosofia: a filosofia moderna e o pensamento pós-moderno vistos através do pensamento de João Poinso (Joannes a Sancto Thoma ou Frei João de S. Tomás)”, trad. por Julio Jeha, *Revista Portuguesa de Filosofia* 51, no. 3/4 (1995): 615–76.

⁵ Para uma lista ainda incompleta mas já bastante desenvolvida das obras de John Deely consulte-se Raul Corazzon, “Annotated bibliography of John Deely. First part: 1965–1998”, acedido 13 de março de 2022, <https://www.ontology.co/biblio/john-deely.htm> e, do mesmo autor, “Annotated Bibliography of John Deely: 1999–2010”, acedido 13 de março de 2022, <https://www.ontology.co/biblio/john-deely-2.htm>. Falta a Corazzon dedicar uma terceira lista à segunda parte do último John. A bibliografia por nós aqui utilizada, embora não esgote o conjunto, pode ser um ponto de partida para a preparação de tal lista.

⁶ Trata-se de John Deely, *Semiotic Animal: A Postmodern Definition of “Human Being” Transcending Patriarchy and Feminism*. South Bend, IN: St. Augustine’s Press, 2010.

⁷ A saber: John Deely, *Medieval Philosophy Redefined: The Development of Cenoscopic Science, AD354 to 1644 (From the Birth of Augustine to the Death of Poinso)*. University of Scranton Press,

último John Deely é igualmente o momento em que se revela o resultado de um trabalho editorial de vulto encabeçado por Paul Cobley,⁸ alguém que se mostrou especialmente saudosos de Deely já alguns anos antes da morte deste.

Existe ainda, naturalmente, o “John póstumo”, do qual a primeira fase já proporcionou à comunidade, para além de algumas reedições, um livro que nunca antes fora publicado e urge traduzir, a saber: *Logic as a Liberal Art*.⁹

O autor propõe um estudo de lógica que não se coaduna com o espírito retrógrado que reina hodiernamente no campo da lógica, onde as nossas melhores mentes e instituições são ainda prisioneiras das armadilhas que se instalaram entre nós ao longo da modernidade filosófica.

Esta obra revela, sobretudo, o caminho para um inconformismo simultaneamente construtivo e pós-moderno perante a orientação que impera ainda presentemente, uma orientação que visa rebaixar os fundamentos da lógica às edificações linguísticas artificiais.

O autor empenha-se no estudo da lógica tal como ela evoluiu no contexto da linguagem natural, tal como na promoção de um caminho para a gestão da lógica em geral e, particularmente, da temática das falácias de forma radicalmente ética.

Deely confia que, no estudo das falácias, não basta simplesmente aprender a denunciá-las, mas sim passar a empregar as mesmas normas e processos que possibilitam a descoberta das falácias a fim de explorar os vestígios de validade que possam ser apurados no que de forma implícita se encontra presente num argumento que tenha sido apresentado sem validade numa primeira formulação.

O autor encarou a possibilidade de converter a lógica num instrumento verdadeiramente construtivo, para lá da esterilidade de uma crítica desorientada, tornando a lógica realmente apta a prosseguir na procura da verdade na investigação, muito mais adequada do que

2010. A título subsidiário, poderá ler-se também Robert Junqueira, “Medieval Philosophy Redefined in a Nutshell”, *Divyadaan: Journal of Philosophy & Education* 34, no. 3 (2023): 367–76.

⁸ A referência é a John Deely, *Realism for the 21st Century: A John Deely Reader*, ed. por Paul Cobley. University of Scranton Press, 2010.

⁹ Deely, *Logic as a Liberal Art*, ed. C. S. Morrissey. Nanjing Shi: Nanjing Normal University Press, 2020.

até à data tem sido exequível através da habitual e contraproducente ênfase da denúncia das falácias como prática autossuficiente.¹⁰

É possível apercebermo-nos, não só nas referidas obras de Deely como em numerosas outras, de uma sensibilidade latina numa atmosfera anglófona. Em *Logic as a Liberal Art*, como em outras obras, a aperceção chega a ser aguda, girando sobretudo em torno da figura de João de São Tomás, frade lisboeta batizado João Poinot (1589–1644) a quem voltaremos mais adiante.

Ao ouvir falar sobre a sensibilidade latina do Doutor John Deely, qualquer pessoa familiarizada com a sua obra começará provavelmente por ter em mente a sua dedicação ao estudo da Idade Latina, a segunda das quatro idades do entendimento: uma idade herdeira da Grega, seguida pela Moderna e, finalmente, herdada pela quarta idade, a Pós-moderna.

Pouco antes da passagem de Deely para a condição de puro objeto — objeto da nossa aperceção, evoluindo no chão das nossas memórias —, o semiótico afirmou haver-se arrependido por ter designado a quarta idade como “pós-moderna”.

Como veremos, o historiógrafo do entendimento humano teria preferido chamar, à quarta idade, “Idade da Relação” ou “das Relações”. É de crer que, se Deely alteraria o nome da quarta, alteraria também o nome das outras idades.

Evidentemente que isto não passa de uma hipótese, apoiada no fato de que John associa as idades a “Vias” específicas. Caso a nossa hipótese fosse acolhida pela comunidade, as quatro idades do entendimento acabariam em definitivo por ser designadas, por ordem cronológica, como a Idade das Coisas, a Idade dos Sinais, a Idade das Ideias e a Idade das Relações.¹¹

A sensibilidade latina do Doutor John é seguramente um reflexo da sua prática historiográfica, sempre pós-moderna ou relacional e de ampla compreensão, mas especialmente aprofundada no que é atinente à Idade dos Sinais.

¹⁰ Leia-se John Deely, *Ibid.*, 9–16.

¹¹ V., muito especialmente, John Deely, *Four Ages of Understanding: The First Postmodern Survey of Philosophy from Ancient Times to the Turn of the Twenty-First Century*, Toronto Studies in Semiotics. Toronto e Buffalo: University of Toronto Press, 2001.

O olhar de John Deely acendeu-se máxime sobre os frutos obtidos pela comunidade de pesquisa durante a segunda idade do entendimento, isto é, enquanto esta percorreu, em latim e por quase 13 séculos, a Via dos Sinais.

Na maioria das suas obras, entre as quais se conta também *O que distingue o entendimento humano?*, é expressamente baseado em autores latinos que Deely desenvolve muitas das suas mais importantes noções, como a de objetividade, a de relação, a de sinal (ou signo) e a de subjetividade.

Entre as fontes latinas de Deely encontram-se, como é expectável, figuras incontornáveis da latinidade, como Agostinho de Hipona (354–430), Tomás de Aquino (c.1224–1274), Sebastião do Couto (1567–1639) e Poinso.

Ao passo que o labor de Deely sobre Poinso tem sido alvo de um justificado destaque, como adiante compreenderemos, o relativamente menor aprofundamento de Deely acerca dos autores do Curso Jesuíta Conimbricense (CJC), entre os quais se destaca Couto, tem merecido uma atenção silenciosa.

Em virtude da gravidade das temáticas que permeiam a relação entre Deely e o CJC, é de esperar que este estudo reverta a favor de uma maior visibilidade da sensibilidade latina que está implicada nas posições doutrinárias do Doutor John, essencialmente gizadas no laboratório da historiografia filosófica.

O CJC nas obras de Deely

Entre o CJC e as obras de John Deely constata-se uma relação de impacto. Já está claro que “John Deely” sinaliza um objeto biográfico, mais precisamente um animal humano. “CJC”, por sua vez, sinaliza um objeto bibliográfico.

Na transição entre os séculos XVI e XVII, mais precisamente entre 1592 e 1606, a primeira edição dos oito volumes de um curso

inteiramente dedicado à filosofia, e mormente à chamada “filosofia natural”,¹² foram publicados pela primeira vez.¹³ Trata-se do CJC.

Não parece invulgar que obras produzidas na medievalidade ibérica tardia, neste caso por filósofos jesuítas,¹⁴ se encontrem envolvidas em relações de impacto com autores anglófonos da transição do século XX para o século XXI, como é o caso de John Deely?

Invulgar ou não, certo é tratar-se de um terreno ainda por desbravar. Aqui não serão dados senão os primeiros passos no mapeamento de uma área de lés a lés desconhecida, que é a da relação entre as obras de John Deely e aquela que é talvez a mais emblemática produção da escola de Coimbra: o CJC, uma rigorosa produção bibliográfica de autoria coletiva.

¹² Para saber mais sobre o “patente predomínio da física num curso de filosofia”, o CJC, “empenhadamente composto como propedêutico à teologia”, sigam-se as indicações encontradas em Mário Santiago de Carvalho, *O curso aristotélico jesuíta Conimbricense*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018: 35, <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1544-8>.

¹³ Em seguida, a referência bibliográfica dos oito volumes da primeira edição do CJC. Da autoria de Sebastião do Couto: *Commentarii Collegii Conimbricensis e Societate Jesu. In universam dialecticam Aristotelis Stagiritæ*, publicado em Coimbra: D. G. Loureyro, 1606. Da coautoria de Manuel de Góis, Baltasar Álvares, e Cosme de Magalhães: *Commentarii Collegii Conimbricensis S. J. In tres libros de Anima Aristotelis Stagiritæ*. Coimbra: A. Mariz, 1598. Da autoria de Manuel de Góis: *Commentarii Collegii Conimbricensis S. J. In duos libros De Generatione et Corruptione Aristotelis Stagiritæ*. Coimbra: A. Mariz, 1597; *In libros Ethicorum, aliquot Conimbricensis Cursus Disputationes in quibus præcipua quædam Ethicæ disciplinæ capita continentur*. Lisboa: S. Lopes, 1593; *Commentarii Collegii Conimbricensis S. J. In libros Aristotelis, qui Parva Naturalia appellantur*. Lisboa: S. Lopes, 1593; *Commentarii Collegii Conimbricensis S. J. In Octo Libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ*. Coimbra: A. Mariz, 1592; *Commentarii Collegii Conimbricensis S. J. In Quatuor libros de Coelo Aristotelis Stagiritæ*. Lisboa: S. Lopes, 1593; *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu In Libros Meteororum Aristotelis*. Lisboa: S. Lopes, 1593. Em curso de publicação, no âmbito da coleção *Classica Digitalia: Portugalix Monumenta Neolatina*, está a tradução integral do CJC para língua portuguesa, tendo já sido publicados os seguintes volumes monográficos da autoria de Manuel de Góis, todos introduzidos do ponto de vista doutrinal por Mário Santiago de Carvalho: *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo I: Comentários aos Livros Denominados ‘Parva Naturalia’*, trad. Bernardino Fernando da Costa Marques (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020), <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1487-8>; *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo II: Ethica*, trad. Mário Santiago de Carvalho (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020), <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1968-2>; *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo III: De Cælo — Parte I*, trad. António Guimarães Pinto (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021), <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1833-3>; *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo IV: De Anima — Parte I*, trad. Maria da Conceição Camps, (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022), <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2217-0>. Apesar de ainda não estar publicada integralmente em língua portuguesa, a *Dialética* de Sebastião do Couto pode desde 2011 ser parcialmente lida em língua portuguesa, tendo sido publicado a seguinte monografia em acesso aberto: *Curso Conimbricense: Os sinais*, trad. por Amândio Coxito, Recursos em Linha (Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2011), <https://doi.org/10.5281/zenodo.4033496>. Uma versão bilíngue foi publicada posteriormente; trata-se de *Os sinais. De signis*, trad. por Amândio Coxito (Porto: Edições Afrontamento, 2013).

¹⁴ Sobre o perfil do movimento cultural a que se chama, em Portugal, de Companhia de Jesus no contexto da história da filosofia, particularmente no que ao período acima referido diz respeito, pode ler-se Cristiano Casalini, ed., *Jesuit Philosophy on the Eve of Modernity*. Leiden — Boston: Brill, 2019.

Tal relação foi reiteradamente referida ao longo das sessões do IO2S DEELY — *International Open Seminar on Semiotics: a Tribute to John Deely on the Fifth Anniversary of His Passing*.¹⁵

O *Cursus Conimbricensis*, da autoria de Manuel de Góis (1543–1597), Cosme de Magalhães (1551–1624), Baltasar Álvares (1560–1630), e Sebastião do Couto,¹⁶ constitui um tesouro do património cultural europeu, referência incontornável no ecossistema de pesquisa da União Europeia, ainda que continue a ser alvo de escassa atenção por parte das entidades financiadoras e das instâncias de decisão em Portugal, na UE e além-fronteiras.

O que não há é absolutamente nenhuma razão para desfalecer: em virtude dos cuidados que a UE tem dispensado à salvaguarda do respetivo património cultural, é aposta de baixo risco prever que não tardará muito até que haja uma perceção generalizada da necessidade de aplicar elevados recursos humanos e financeiros nas atividades de pesquisa relacionadas ao CJC.

Talvez a comunidade científica possa se beneficiar deste primeiro olhar sobre os cruzamentos entre o CJC e as obras de John Deely. É certamente o olhar de um batedor; ou talvez seja, mais precisamente, o frágil braço de quem procura desimpedir o caminho para as mais ambiciosas pesquisas de amanhã.

Nesse sentido, este estudo serve como um sinal de partida para futuras e necessárias pesquisas com respeito às relações nas quais se envolvem não só John Deely e o CJC, mas também a escola de Coimbra de um modo geral e a filosofia que se tem desenvolvido em solo norte-americano.

¹⁵ Sobre a escola de Coimbra, uma excelente e acessível introdução em língua portuguesa pode encontrar-se in Mário Santiago de Carvalho, “A situação da “escola de Coimbra” na história da filosofia”, https://www.youtube.com/watch?v=o1c_F8SXnAk. Para saber mais sobre o IO2S DEELY, visite-se a página oficial do evento: “International Open Seminar on Semiotics: a Tribute to John Deely on the Fifth Anniversary of His Passing”, IO2S DEELY, acedido 9 de maio de 2022, <https://www.uc.pt/fluc/uidief/act/io2s/>.

¹⁶ Sobre os autores do CJC e sobre este pode ler-se, em inglês, os cinco textos da autoria de Carvalho na secção 1.1 de Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi, eds., *Conimbricenses.Org Encyclopedia*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2019, <http://www.conimbricenses.org/encyclopedia>. Para além das obras já referidas nas notas 12 e 14, bem como as introduções doutrinárias das traduções portuguesas do CJC referidas *supra*, também se poderá sugerir, para uma breve leitura lusófona que nos permita saber mais sobre estes quatro filósofos jesuítas coimbrões, que se leia Mário Santiago de Carvalho, “Aos ombros de Aristóteles (Sobre o não-aristotelismo do primeiro curso aristotélico dos Jesuítas de Coimbra)”, *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 16 (2007): 291–308.

O CJC é referido em pelo menos vinte e três obras de John Deely. As referidas obras conformam uma amostra dos trabalhos da autoria (ou que incluem textos da autoria) de John Deely, tendo a primeira edição da mais antiga dentre as mesmas sido publicada em 1981 e a mais recente em 2020.

Nos textos sob apreciação, muitas das bastantes referências que John Deely faz à literatura produzida pela escola de Coimbra, incluindo Poinot, Pedro de Fonseca e até Herculano de Carvalho (1924–2001), não serão, via de regra, tidas em conta, mantendo-se a atenção voltada para o CJC e os seus autores.

Quer tratando-se de razões que se prendem a limitações de agenda, quer a dificuldades de acesso pleno, ficam de fora várias obras deste já por si seguramente incompleto conjunto de vinte e três obras de John Deely no seio das quais nos foi possível detetar referências ao CJC ou aos seus autores.

As seguintes publicações foram diagnosticadas, mas não foram feitas objeto de tratamento, não obstante ser razoável dizer que algumas delas serão de passagem obrigatória para qualquer cientista que pretenda levar mais longe a missão de pesquisa que aqui inauguramos:

- i) “*Common Sources for the Semiotic of Charles Peirce and John Poinot*”, publicado em *The Review of Metaphysics* no ano de 1995 em coautoria com Mauricio Beuchot;
- ii) *The Green Book. The Impact of Semiotics on Philosophy*, publicado pela Universidade de Helsínquia em 2000;
- iii) *The Red Book. The Beginning of Postmodern Times, or: Charles Sanders Peirce and the Recovery of the Signum*, publicada no mesmo ano sob o selo do Clube Metafísico da mesma universidade;
- iv) *Four Ages of Understanding: The First Postmodern Survey of Philosophy from Ancient Times to the Turn of the Twenty-First Century*, da coleção *Toronto Studies in Semiotics*, da Imprensa da Universidade de Toronto, publicada em 2001;
- v) “*A Sign is What? A Dialogue between a Semiotist and a Would-be Realist*”, apresentado pela primeira vez como discurso presidencial de John Deely perante a Sociedade Semiótica da América, em

2001, estando disponível no número 20 do *The American Journal of Semiotics*, de 2004;

vi) “*A New Determination of the Middle Ages*”, o preâmbulo de Deely em *The Conimbricenses: Some Questions on Signs*, título da tradução de John P. Doyle (1930–2016) do tratado sobre os sinais da *Dialectica* de Sebastião do Couto, publicada em 2001 na série *Mediaeval Philosophical Texts in Translation*, da Universidade Marquette de Milwaukee, Wisconsin;

vii) “*The Word Semiotics: Formation and Origins*”, publicado sob o mesmo selo periódico em janeiro de 2003;

viii) “*The Role of Thomas Aquinas in the Development of Semiotic Consciousness*”, artigo publicado pela revista *Semiotica* da Walter de Gruyter em novembro de 2004;

ix) “*On ‘Semiotics’ as Naming the Doctrine of Signs*”, texto publicado sob o mesmo selo em janeiro de 2006;

x) “*“Evolution, Semiosis, and Ethics: Rethinking the Context of Natural Law,” with an Appendix on Immortality*”, texto disponível em *Realism for the 21st Century: A John Deely Reader*, editado por Paul Cobley e publicado pela Imprensa da Universidade de Scranton em 2010, embora tenha sido preparado e apresentado em 2006 no curso dos trabalhos no âmbito de uma bolsa atribuída pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Navarra e publicado anteriormente em *Contemporary Perspectives on Natural Law*, obra editada por Ana Marta Gonzalez e publicada em Londres e Nova Iorque pela Routledge, em 2008;

xi) “*The Quo/Quod Fallacy in the Discussion of Realism*”, artigo dividido em duas partes publicadas pela polaca *Człowiek w kulturze* em 2007 e 2008;

xii) *Realism for the 21st Century: A John Deely Reader*, obra organizada por Paul Cobley e publicada pela University of Scranton Press em 2010;

xiii) “*Semiotics Seen Synchronically: The View as of 2010*”, publicado pela *Chinese Semiotic Studies* em dezembro de 2010;

xiv) “*The Tartu Synthesis in Semiotics Today Viewed from America*”, também publicado pela *Chinese Semiotic Studies*, em janeiro de 2012;

xv) “*Semiotic entanglement: The concepts of environment, Umwelt, and Lebenswelt in semiotic perspective*”, publicado pela *Semiotica* em janeiro de 2014;

xvi) *Logic as a Liberal Art*, publicada pela Imprensa da Universidade Normal de Nanjing em 2020.

As demais obras, que dentre o conjunto das vinte e três nas quais foram detetadas referências de John ao CJC ou aos seus autores, receberam tratamento, serão cronologicamente dispostas e reveladas passo a passo no que vem a seguir.

O CJC em “The Relation of Logic to Semiotics”

De 1981 é o extenso artigo referido em epígrafe, publicado por John Deely sob o selo da *Semiotica*.¹⁷ Com o intuito de respeitar códigos comprovados de prática acadêmica que requerem que os estudiosos circunscrevam o seu objeto a um enfoque suficientemente conciso para permitir um tratamento rigoroso, John Deely esforça-se por traçar um esboço da história da lógica do ponto de vista semiótico.

O objetivo de John passa aqui por identificar de forma sumária e a partir de uma abordagem filosófica um panorama global do contexto e das particularidades da cultura ocidental em que se alcançou, pela primeira vez, uma consciência semiótica.

A referência à cidade de Coimbra na página 210 é sobremaneira interessante para os estudiosos do CJC, particularmente se o foco do estudo passar pela *Dialectica* de Couto de um modo geral e a sua respectiva situação no contexto da história da lógica, nomeadamente no âmbito da tradição aristotélica e da relação entre o CJC e a obra daquele que Mário S. de Carvalho diz ser o fundador da escola de Coimbra, Pedro da Fonseca (1528–1599).¹⁸

¹⁷ John Deely, “The relation of logic to semiotics”, *Semiotica* 35, n. 3–4 (1981): 193–265, <https://doi.org/10.1515/semi.1981.35.3-4.193>.

¹⁸ Para saber mais sobre a proto-história do CJC e o papel de Pedro da Fonseca, leia-se António Manuel Martins, “Introductory Note to the Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis

Deely diz que, no “*Iberian university world (Coimbra, Salamanca, Alcalá)*”, houve uma particular tendência para resistir à “*logica modernorum*” (a que o autor se refere também como “*summolist*”, “*terminist*” e “*formal logic*”), dedicada à introdução das “*logical forms common to all reasoning*” sob o prisma das propriedades dos termos, em particular do contraste entre as propriedades que os termos assumem no decorrer do seu emprego “*in syntactical arrangements*” e as propriedades que os termos carregam na qualidade de elementos simples do discurso.

Segundo Deely, os mais rigorosos estudiosos de Aristóteles (384–322 a.C.) queixavam-se da evolução independente da lógica formal. Na nota 12, página 253, para exemplificar as queixas dos aristotélicos ibéricos, Deely cita o texto latino do primeiro parágrafo do “*Prefácio*” à primeira edição das *Instituições dialéticas* de Fonseca.

Conforme traduzido por Joaquim Ferreira Gomes (1928–2002), diz Fonseca que a tradição da lógica formal que se vinha desenvolvendo na “*idade anterior*” a si (Fonseca) foi “*pobre de literatura brilhante*”, rica de pseudo-aristotélicos e carente de verdadeiros estudiosos de Aristóteles, pois os agentes de tal tradição haverão julgado que os ensinamentos de Aristóteles se continham explanados “*mais perfeita e proficientemente*” em algumas “*súmulas e investigações elaboradas pelo zelo dos mais diligentes do que no próprio autor*”.

Que existissem algumas boas razões para ter-se privilegiado o aristotelismo em detrimento do próprio Aristóteles é algo que Pedro da Fonseca admite ser, “*em grande parte*”, verdade, não obstante admitir também Fonseca que tal ocasionou, “*desde que começou a consagrar-se este modo de ensinar e aprender*”, que a filosofia experimentasse “*grande detrimento*”.¹⁹

Iesu”, em *Conimbricenses.Org Encyclopedia*, ed. Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2019, <http://www.conimbricenses.org/conimbricenses-introductory-note-commentarii-collegii-conimbricensis-societatis-iesu/>. Este assunto também é referido por Carvalho na sua apresentação referida *supra*. Para o leitorado anglófono saber mais sobre os grandes mestres da dialética jesuíta de Coimbra pode ler-se Mário S. de Carvalho, “*Reading Philosophy from a Dialectical Point of View: Pedro Da Fonseca’s and Sebastião Do Couto’s Philosophical Stance on Aristotle’s Organon*”, em *Jesuit Logic and Late Ming China: Lectures on the Cursus Conimbricensis*, ed. Cristiano Casalini, First. Chestnut Hill: Institute for Jesuit Sources, 2019, 19–39, <https://jesuitsources.bc.edu/jesuit-logic-and-late-ming-china>.

¹⁹ Pedro da Fonseca, *Instituições Dialéticas*, trad. Joaquim Ferreira Gomes, 2 vols., Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964, 9.

É no seio da secção exploratória, mais precisamente na página 229, que uma referência inquestionavelmente respeitante ao CJC pode ser encontrada. Aí, pode ler-se John a afirmar não haver “*name or place*” para o período da *philosophia naturalis* nas histórias da filosofia mais convencionais.

O CJC é mormente dedicado à filosofia natural, na medida em que há, nas palavras de Carvalho, um “patente predomínio da física” (nota *supra*). Os conteúdos envolvidos pela delimitação cronológica do referido período por parte de John, que escreve que o mesmo culmina nos currículos “of the seventeenth-century Spanish schools”, são passíveis de suscitar alguma azáfama.

Sendo embora verdade que a União Ibérica durou até 1640, nunca foi Portugal assimilado a qualquer outro Estado desde a sua fundação em 1143, pelo que mais correto teria sido John referir-se, como pouco acima na mesma página, às “Iberian schools at Coimbra, Salamanca, Alcalá, and elsewhere”.

Trata-se de uma referência indireta ao CJC da qual surge a hipótese de que John considera, nos princípios da década de oitenta do século XX, tratar-se o CJC de uma produção não apenas ibérica, mas mais precisamente espanhola, uma hipótese que pode muito bem estar plenamente errada.

Pouco depois, na página 230, John declara que as linhas fundamentais de desenvolvimento de pesquisa do ponto de vista da semiótica nos séculos da medievalidade tardia se devem às tradições académicas em Espanha e em Portugal, mormente no seio dos “three great centers already mentioned, namely, Coimbra, the principal university of Portugal, Salamanca, [...] and Alcalá, rival to Salamanca for a time in the late sixteenth and early seventeenth centuries”.

Uma referência expressa ao *Cursus* pode ser encontrada logo abaixo, na página 231, na qual fica claro que John tinha noção do papel central de Pedro da Fonseca na fase de organização do CJC, tal como de que trata-se de uma obra de autoria coletiva, pois diz Deely saber ter sido Fonseca “the organizing force of the group of thinkers there”, em Coimbra, “whose work came to be known collectively as the *Cursus Conimbricensis*”.

A referência *supra* é direta mas colateral, pois John tratava aqui de considerar a produção da autoria de Fonseca em particular. Muito trabalho haveria a fazer neste contexto se fôssemos considerar as referências de Deely a Fonseca ou Poincot,²⁰ mas tratando-se aqui de um período em que John não dá sinais de haver ainda percebido a dimensão da importância do *Cursus* para a história do *signum*, iremos seguir para a consideração da próxima obra.

O cjc em “Introducing Semiotic”

De 1982 é uma obra de maior fôlego, na qual John intensifica o trabalho começado em “The Relation of Logic to Semiotics”, desta feita em formato monográfico publicado pela IUP — Imprensa da Universidade de Indiana.²¹

Não obstante esta intensificação do esforço no sentido de escrever uma história do pensamento (sempre através de sinais) com capacidade de regenerar de forma significativa toda a história das ideias e da filosofia, o próprio John confessa, na página inaugural dos “Objectives”, que não pretende proporcionar “the fullness of detail and documentation needed for its completion”.

Por isso, acrescenta o autor, reside o valor desta obra não tanto na sua capacidade de ensinar quanto na sua capacidade de ajudar o leitor a aprender por conta própria. Com respeito ao cjc, nada de novo é dito comparativamente ao que John escreveu no texto anteriormente considerado, e por isso passaremos adiante.

O cjc em “Tractatus de Signis”

Resultado de mais de quinze anos de trabalho, foi em 1985 publicada a obra a que Lucia Santaella se referiu como “interpretative edition of Poincot’s doctrine of signs”.²² Nunca João de São Tomás escreveu este

²⁰ Veja-se, por exemplo, a referência aos estudos de João de S. Tomás na página 236.

²¹ John Deely, *Introducing Semiotic: Its History and Doctrine*. Indiana University Press, 1982, <https://doi.org/10.2307/j.ctv128fpfv>.

²² Lucia Santaella Braga, “Review of *Tractatus de Signis. The Semiotic of John Poincot*”, revisto por John N. Deely e Ralph Austin Powell, *The Journal of Speculative Philosophy* 5, n. 2 (1991): 155. Sobre Poincot e a doutrina dos sinais leia-se também Frank Nuessel, “Poincot and Semiotics,” *Semiotica* 2011, no. 185 (January 2011): 263–77, <https://doi.org/10.1515/semi.2011.042>.

tratado de semiótica tal e qual é apresentado por Deely, se bem que, na ótica deste, o filósofo português fê-lo sem havê-lo feito.

Assim, muito mais que uma tradicional tradução de uma obra do latim para o inglês, trata-se este *Tractatus* de uma cocriação de John Deely²³ que, como ele próprio diz ao leitor desta sua edição, na página 1, extraiu da *Ars Logica* de Poinot (as primeiras duas das cinco partes que compõem o *Cursus Philosophicus* completo deste último) as secções passíveis de satisfazerem as necessidades de um “hypothetical reader” que procure apreciar “Poinot’s discussion of signs [...] both in its own terms and in terms of the whole of which it originally formed a part”.

Procurando encontrar um equilíbrio perante o aparentemente insolúvel problema de sabermos até que ponto podem as referidas secções ser consideradas em separado, John diz ainda na mesma página haver-se precavido:

- i) ao deixar “Poinot’s text stand virtually entirely according to the order he proposed for it within the *Ars Logica* as a whole”,
- ii) incluindo também as páginas de título, tal como as afirmações mais gerais de Poinot, aplicáveis a toda a *Ars Logica*, e acima de tudo
- iii) inserindo sempre que apropriado “to bridge necessary jumps” uma série de breves comentários “designed to show the reader how the rationale of all editing is derived from the original author’s own intentions”, por John designados como “semiotic markers”.

Os *marcadores semióticos* de John destinam-se a tornar claro que todas as secções incluídas pelo mesmo na composição do *Tractatus de signis: the semiotic of John Poinot* influem diretamente na compreensão da doutrina proposta por João de São Tomás na secção da segunda parte da *Ars Logica* dedicada por este especificamente ao tratamento dos sinais.

Contendo um impressionante aparato crítico, esta obra-prima de edição e tradução de John Deely inclui um longo posfácio editorial semelhante às tradicionais introduções que se fazem em trabalhos de

²³ É naturalmente uma cocriação também no sentido em que Deely levou este projeto a cabo com o apoio constante de Ralph Austin Powell (1914–2001).

tradução com a finalidade de explicar a obra, o seu contexto e perspectivas de futuro.

A razão para esta secção ter sido transferida para o fim é que John considerou, como diz na página 2, serem os referidos *markers* suficientes para providenciar uma leitura bem orientada no terreno da estrutura editorial da obra.

A razão de não ter sido simplesmente dispensada tal secção é que, apesar do que agora foi dito, continua a ser preciso discutir detalhadamente os princípios que nortearam a tradução, tal como a situação histórica de João de São Tomás e do seu *Cursus Philosophicus*.

O próprio Poinot faz referência ao CJC. Por isso, encontram-se por exemplo referências à *Dialectica* de Couto e ao *de Anima* de Góis, Álvares e Magalhães, respetivamente nas páginas 136 e 305–310.

Valeria a pena avaliar o impacto do CJC no *Curso Filosófico* de Poinot, mas para bem dos fins a que nos propusemos iremos saltar imediatamente para as páginas 393 e seguintes, onde se encontra o “Posfácio Editorial” da autoria de John Deely.

É logo na discussão sobre a estrutura do *Cursus Philosophicus* de Poinot que Deely refere os autores do CJC pela primeira vez. Num parágrafo que transita da página 400 para a 401, diz John que o movimento filosófico que constitui a espinha dorsal de toda a tradição académica como até hoje perdura é a escolástica.

Então, acrescenta Deely que as correntes heterogéneas de tal “broad movement” alcançaram a sua “fullest expression in the vast compendia worked out in Iberia by the Jesuit Aristotelians of Coimbra (the so called *Conimbricenses*, sixteenth-seventeenth centuries)”, os quais faz acompanhar em importância apenas pelos trabalhos desenvolvidos nas escolas de Alcalá e Salamanca do mesmo período.

Não muito adiante, na discussão sobre o carácter semiótico do tratamento dado ao sinal por João Poinot, Deely menciona novamente os autores do CJC. Na página 413 pode ler-se que vale a pena o esforço de abordar historicamente o trabalho de Poinot, “tracing precisely in his forebears (such as the *Conimbricenses*, Complutenses, and other more individualized thinkers) views and controversies on the subject of signs”.

Ainda no posfácio, John inclui uma cronologia de eventos em que situa lado a lado os mais importantes eventos da vida de Poinsoot e outros paralelos na história da Península Ibérica e da Europa. É na página 431, quando os eventos relativos ao ano de 1604 são apresentados, que se encontra nova referência ao CJC e aos seus autores:

“Around this time”, pode ler-se, “Poinsoot is studying under professors involved in the *Conimbricenses* group writing a treatise *De Signo* [sic] as the first chapter of their commentary on Aristotle’s *Perihermeneias*”.

A acontecer de alguém querer saber mais sobre o assunto, Deely aponta para um capítulo de livro da autoria de John Doyle publicado em 1985,²⁴ autor este que viera mais tarde a publicar uma tradução do referido tratado sobre os sinais para o inglês,²⁵ antes mesmo de vir a lume a tradução portuguesa de Amândio Coxito (1936–2017).²⁶

Os eventos paralelos ao de 1604 para que Deely aponta, relativos à vida de João de São Tomás, são a entrada de René Descartes (1596–1650) no Colégio de *La Flèche* e a descoberta, por parte de Johannes Kepler (1571–1630), da elipse formada pela órbita de Marte.

No contexto do “Índice de Pessoas”, afirma Deely que por *Conimbricenses* se refere aos professores de Poinsoot, da escola comentarística “formed by Jesuit Professors of the College of Coimbra, 16th-17th centuries, under the original leadership of Petrus Fonseca”, isto é, Pedro da Fonseca.

Como obras dos *Conimbricenses*, John lista: duas edições da *Dialectica* (Lião 1606 e Veneza 1616); uma da *Physica* (Lião 1610); uma do *de Generatione et Corruptione* (Lião 1613); e, por fim, uma outra do *de Anima* (Lião 1612).

O CJC em “Basic Semiotics”

De 1990 é o fruto íntimo de um período em que John usufruiu de uma bolsa Fulbright em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas

²⁴ Mais precisamente: John P. Doyle, “The Conimbricenses on the Relations Involved in Signs”, em *Semiotics 1984*, ed. John Deely. Lanham, MD e Londres: University Press of America, 1985, 567–76.

²⁵ Referimo-nos a Sebastião do Couto, *The Conimbricenses: Some Questions on Signs*, trad. John P. Doyle, *Mediaeval Philosophical Texts in Translation* 38. Milwaukee, Wis: Marquette University Press, 2001.

²⁶ Ver *supra*.

Gerais. Trata-se de *Basics of Semiotics*, monografia publicada sob o selo da IUP no seio da coleção “Advances in Semiotics”, dirigida por Thomas Sebeok.

John afirmou haver detectado uma ausência, cuja qualidade figura no prefácio (página ix) como sendo flagrante, no panorama bibliográfico da semiótica de então: “a unified treatise laying out the basics behind the very idea of semiotic inquiry in general”.

Em conformidade, Deely propõe-se a proporcionar à comunidade de pesquisa um estudo que constitua “a map of semiosis as an integral phenomenon”. O emprego do termo semiose por parte de John serve para dar nome à ação dos sinais, que é o intuito comum das pesquisas abarcadas pelo termo padrão *semiótica*.

O traçado de uma tal cartografia soa algo ambicioso para um objetivo monográfico. Não obstante, John alega que *Basics of Semiotics* deverá constituir uma cura possível para a inexistência de tal mapeamento, configurando uma abordagem pioneira a uma fundamentação abrangente (“a comprehensive rationale”) em relação à interligação da semiose aos níveis cultural, social e natural.

Nas palavras de John Deely: “The aim of the book, then, is to fill the need for an answer to the question of just what is the essential nature and what are the fundamental varieties of possible semiosis”.

Tratando-se do estudo da semiose como fenômeno integral, o universo de possibilidades da pesquisa semiótica não encontra a sua passagem bloqueada em nenhuma fronteira, inclusivamente a que rompe entre o orgânico e o inorgânico; pois, conforme diz Deely na página 12 de um texto de 2014 em breve intitulado “Semiotic entanglement”, “even in the world of nature as prior to and independent of living things”, mesmo em tal mundo, “this action of signs — semiosis — is at work”.

Cabe aqui abordar a questão da presença do CJC no quadro de *Basics of Semiotics*. É no capítulo 7 que John lança um olhar retrospectivo sobre a história e a teoria no âmbito da semiótica.

No subcapítulo B, “History of Semiotics”, na passagem da página 110 para a 111, encontra-se uma primeira referência à cidade de Coimbra. Tal referência diz respeito, mais que a Pedro da Fonseca ou a qualquer outro pensador da escola de Coimbra, a Sebastião do Couto.

A referência situa-se mais precisamente na segunda rubrica do referido subcapítulo, intitulada “The Latin World”, onde pode encontrar-se um posicionamento favorável à possibilidade de, tomando como bússola a discussão em torno da definição agostiniana de sinal (da qual falaremos *infra*), proceder a uma mensuração do “development of semiotic consciousness”.

Em conformidade com Deely, não se trata menos de um paradoxo do que de um facto histórico que os principais atores responsáveis por tal desenvolvimento tenham sido autores como Couto... Couto, sim, como outros, das escolas de Alcalá, Coimbra e Paris.

John caracteriza tal responsabilidade de paradoxal porque, numa tentativa de resistirem “to the acceptance of Augustine’s [...] definition of the sign”, o trabalho de algumas das principais figuras da latinidade tardia terá acabado por levar, no fim das contas, ao estabelecimento de uma perspetiva, a respeito dos sinais, fiel a Agostinho de Hipona, assunto que continuará a ser aprofundado nesta e em próximas pesquisas.

Mantendo um espírito retrospectivo, é na passagem da página 112 para a seguinte, já sob a rubrica intitulada “The Iberian Connection”, que Deely volta a referir o CJC, situando os seus autores não no seio da latinidade *mainstream*, mas sim no palco ibérico de um “revolutionary underground of high medieval semiotics”, inaugurado sobretudo por Domingo de Soto (1494–1560).

Resistindo às propostas importadas de Paris por Soto, frade dominicano e teólogo da Segóvia, diz John Deely que duas “major reactions” surgiram em Coimbra:

“One favored, in effect, restoring the ancient”, leia-se *Greek*, “perspective”. Aqui, Deely aponta para as *Instituições dialéticas* de Pedro da Fonseca, o rosto de tal reação. Uma outra reação ao afrancesado latim do espanhol Soto, prossegue John, foi tal que favoreceu a latinidade ao invés da antiguidade grega.

Esta última reação terá passado por promover “the prospective unity heralded by Augustine [...], but without being able to show finally how the being of signs provides a purchase for such an over-all perspective” do *signum*. É o mérito desta reação que Deely atribui ao tratado sobre os sinais de Sebastião do Couto.

Não obstante o mérito reconhecido, Couto não terá sabido, segundo o autor, de que forma o ser dos sinais possibilita o acesso a uma tal perspectiva abrangente, a única satisfatória para a emergência da consciência semiótica.

Segundo John, foi João de São Tomás quem foi capaz de seguir as pistas de Couto para uma ultrapassagem decisiva de Fonseca, do próprio Couto, de Soto, da lógica parisiense e de toda a confusão derivada da discussão latina sobre o *signum*.

Poinsot veio a assumir o lugar docente de Soto em Alcalá de Henares, querendo isto dizer o seguinte: em toda a história da humanidade, foi na Universidade de Alcalá, em Madrid, em pleno século XVII, que pela primeira vez existiram estudantes a se beneficiarem diretamente do triunfo da consciência semiótica face a perspectivas tradicionais e estropiadas sobre aquilo que é um sinal.

Pesem embora as limitações da proposta de Couto, haverá que reconhecer o papel do CJC, que conduziu até à última curva do caminho percorrido pelo *signum* durante mais de mil anos, desde o ponto de partida em Agostinho, levando ao triunfo de Poinsot, hoje reconhecido na esteira de John Deely.

Na bibliografia final de *Basics of Semiotics*, por fim, John remete para o artigo de Doyle intitulado “The *Conimbricenses* on the Relations Involved in Signs”, publicado na monografia *Semiotics 1984*, coordenada por Deely e publicada no ano de 1985 pela Imprensa Universitária da América.

O CJC em “Purely Objective Reality”

Em 2009, foi publicado pela De Gruyter, em Nova Iorque e Berlim, o resultado de um projecto que começou e teve a sua conclusão em solo búlgaro, mais precisamente na Nova Universidade da Bulgária, em Sófia: *Purely Objective Reality* (doravante *POR*), parte da coleção *Semiotics, Communication and Cognition*, dirigida por Paul Cobley e Kalevi Kull.

Dividida em duas partes, esta monografia antes de tudo é o fruto sistemático do pensamento dedicado por John à problemática da objetividade; e, para completar o quadro, proporciona *POR* uma leitura

do pano de fundo ou da fundamentação subjacente à cartografia apresentada em ordem a que se pense a objetividade.

Intrigantemente, o contexto é dado por Deely em segundo lugar, não obstante derivar de material produzido cerca de três anos antes do que veio a constituir a primeira parte deste estimulante exercício de sistematização.

Não vamos discutir aqui a problemática da objetividade, mas estejamos convictos de que as referências ao CJC que se seguirão agora esclarecerão um pouco o que está em jogo.

Logo na página 15, no primeiro capítulo da primeira parte de *POR* sob os títulos “The Problem of Objectivity” e “What Objective Reality Is and How It Is Possible”, respetivamente, os autores do CJC são referidos de uma forma ilustrativa do quanto são, por Deely, considerados fundamentais na história do pensamento.

Não obstante não se tratar *POR* de um esforço marcadamente historiográfico, Deely solicita, a quem lê, que lhe permita acentuar à partida o que se segue:

Once it becomes clear that “all thought is in signs” (the realization first formulated by Poinsett’s teachers, the *Conimbricenses*), it becomes further clear that all objects are objects signified, or, to suppress the redundancy, all objects are significates. Not all things are significates, but all objects are. In other words, to say “significate” is to say clearly what “object” says obscurely and confusedly, and in the late modern habits of English usage, perhaps, not at all.

No que se refere aos *Conimbricenses*, Deely chama ainda a atenção para a seguinte afirmação de Sebastião do Couto: “nihil ducere in cognitionem alterius, quod in aliquam speciem signi non reducatur”,²⁷ que significa que se algo leva ao conhecimento de algo outro, então é passível de ser reduzido a um sinal de alguma espécie.

²⁷ Texto latino conforme acessível em Sebastião do Couto, *The Conimbricenses: Some Questions on Signs*, trad. John P. Doyle, Mediaeval Philosophical Texts in Translation 38. Milwaukee, Wis: Marquette University Press, 2001, p. 86.

Deely afirma ainda, no seguimento, acreditar nunca ter sido anteriormente formulada a perspetiva pelo mesmo apresentada relativamente a todos os *objetos* serem *objetos significados* (e, por tanto, *significados*).

Conscientes de que o CJC cumpre tão destacado papel no cerne dos avanços terminológicos do sistema de Deely acerca da objetividade, só nos resta acalentar esperanças em relação ao tempo em que alguém audaz irá apreciar *POR*, em sede doutoral, de uma maneira orgânica, visando estimar a dívida do realismo de Deely face a Sebastião do Couto.

Para tal fim será seguramente indispensável recorrer ao *Dicionário do curso filosófico conimbricense*, da autoria de Mário Santiago de Carvalho, publicado em 2020 na Skiagraphia's, coleção coordenada por Fernanda Bernardo no seio da editora de Jorge Fragoso, isto é, a conimbricense Palimage.

Neste sentido, poderá colocar-se na balança, por um lado, uma sugestão da natureza da nossa e, por outro, a circunstância de estarem os verbetes do dicionário ainda hoje disponíveis apenas em português (pese embora os títulos dos mesmos se encontrem em latim).

Tal sugestão poderá constituir um motivo de grande celeuma no seio da vasta comunidade extra-lusófona de pesquisa dedicada ao CJC. Para quem é versado nas línguas clássicas, provavelmente teria sido preferível que o dicionário tivesse sido redigido por Carvalho na língua franca da medievalidade; quanto a quem é menos erudito nessas áreas, talvez fosse desejável um encontro com o texto em inglês.

Não importa o caso, a solução mais geral para este problema há de residir em encontrar-se forma de produzir e publicar traduções do referido dicionário. Alternativamente, poderá partir-se em busca de se encontrar maneira de organizar, para a aprendizagem do português, as numerosas pessoas pertencentes à comunidade internacional de pesquisa que se interessam pelo CJC.

Nunca será demais afirmar que, sem Couto, não teriam sido reunidas as condições para os avanços proporcionados à comunidade de pesquisa por Peirce, Poincaré, Deely e Carvalho; e isto não passa de uma ínfima amostra de quão significativa é a marca CJC ao nível da cultura filosófica.

John continua a fazer referência aos autores do CJC em *POR*. Tal volta a suceder-se no terceiro capítulo, intitulado “Objectivity as a Branch on the Tree of Relations”, num momento em que Deely se ocupa em dar a conhecer alguns dos méritos do pensamento de João de São Tomás, aproveitando para desmarcá-lo com relação ao dos autores do CJC.

Nas páginas 43 e 44, pode ler-se que Poinot reconheceu explicitamente o carácter central das relações para o estabelecimento da semiótica, logo para começar por serem as mesmas indiferentes a quaisquer oposições que se procurem estabelecer entre o mental e o extramental.

Lê-se ainda que as relações que dependem da mente para existir (*relationes rationis* ou *mind-dependent relations*), são “essential for structuring experience” para cá e para lá de tudo aquilo que a experiência assimila por conta do encontro com “environmentally existing subjectivities and intersubjectivities” ou *entia realia*.

Segundo Deely, ao dar o passo de tomar o sinal como relação (uma relação triádica), Poinot evidenciou resolutamente que, no plano da objetividade, são as próprias relações triádicas que, por serem alheias à separação entre o natural e o convencional, constituem os sinais.

Neste ponto, o Doutor John distingue o pupilo dos mestres, mormente por estes não considerarem que os sinais constituem relações triádicas mas que formam parte integrante das mesmas. Segundo Deely, no CJC há ainda uma inclinação para considerar-se os sinais como meros veículos de significação.

Os sinais, neste sentido, seriam portanto responsáveis por diferentes modos de se estabelecerem relações triádicas, mediante tratarem-se de sinais naturais ou convencionais. Os sinais assim entendidos seriam, por exemplo e respetivamente, o fumo como veículo de significação do fogo e uma piscadela de olho como comunicando uma proposta de natureza erótica, em qualquer dos casos relativamente a uma mente.

Foi Poinot, insiste Deely, também o primeiro pensador a ter estabelecido de um modo sistemático que aquilo que unifica toda e qualquer pesquisa semiótica é o próprio ser dos sinais entendidos enquanto relações triádicas, passo decisivo que também Peirce soube dar, mesmo sem ter lido Poinot.

John persistia em vincar o seguinte, pelo que servirá de tributo seguir-lhe o exemplo: por muito que Peirce não tenha lido Poinot, aquele tinha em comum com este o estudo do CJC. Assim, Peirce encontrou, tal como Poinot, um ponto de partida para a pesquisa que o deixava mesmo à beira da saída do labirinto do *signum*.

O impacto do CJC em Peirce é reiteradamente evocado por Deely, mormente porque serve-lhe para estabelecer uma ponte palpável entre Poinot e Peirce. Neste ponto, John aponta para *Common Sources for the Semiotic of Charles Peirce and John Poinot*,²⁸ obra referida *supra* na lista de publicações que foram por nós diagnosticadas sem terem sido, porém, tratadas.

Na segunda parte da obra, “Background to the Text”, mais precisamente na página 123, no seio do capítulo oitavo, intitulado “What Difference Does It Make What a Sign Is?”, John faz uma nova referência direta aos autores do CJC.

Segundo John, já é mais que hora para perceber que “all feeling is in signs”, o que representa um complemento, e portanto um avanço, relativamente a um facto que, a nível histórico, antecedeu o agora mesmo mencionado; a saber: “that all thought is in signs”, referindo Deely tratar-se este último de um facto sobre o qual Peirce terá a custo insistido.

De acordo com o autor, foram os autores do CJC “the first” a afirmar, em 1606, que o pensamento se dá sempre através de sinais. Destarte, segue-se que Sebastião do Couto está na origem da linha que levou John a dizer, procurando ultrapassar Peirce, que “the human being is a sign, a sign of what is known, felt, and imagined about the world, rightly or wrongly, at any given time”.

Depreende-se de uma leitura das páginas 128 e seguinte que, não apenas mas em boa medida graças às “early 17th century suggestions of the *Conimbricenses*, Poinot’s as well as Peirce’s teachers in matters semiotic”, terá sido possível a este último não dar passos semelhantes (se bem que, sim, contemporâneos) aos do fundador da semiologia,

²⁸ Sobre alguns dos aspetos mais relevantes desse texto no que respeita ao CJC pode ler-se Junqueira, “Charles Sanders Peirce and Coimbra”, publicado na *Conimbricenses. Org Encyclopedia*, <https://doi.org/10.5281/zenodo.4044285>.

Ferdinand de Saussure (1857–1913), abrindo caminho para o surgimento de uma escola que ultrapassa a semiológica sem anulá-la.

Segundo Deely, foi do CJC que Peirce tirou a ideia de referir-se à semiótica como *doctrina signorum*. Isto pode parecer pouca coisa, mas segundo o autor foi precisamente esta subtileza que permitiu que pensadores como Thomas Sebeok situassem, estudando Peirce, a semiótica para cá e para lá da ciência no sentido moderno. Foi também através do CJC que Peirce veio a reconhecer que qualquer sinal envolve, necessariamente, “three terms in a single relation”.

Fruto da originalidade de Peirce (e de Poincaré antes dele) foi, diz Deely, o reconhecimento de que o próprio sinal consiste “strictly and technically [...] not in the three elements tied together by the sign relation”, como lhe ensinou, em latim, a *Dialectica* de Couto, mas sim “in the triadic relation itself constituting the sign in its proper being”.

Um pouco adiante, na página 130, Deely remete para uma proposta que imputa antes de tudo a Peirce, apresentando-a como uma hipótese a ter em conta: um sinal pode ou não cumprir com a função que lhe é própria. Isto é dizer que pode não decorrer, de um sinal, o significado que lhe é peculiar, o que se sucederia caso se verificasse, nas palavras do autor, “the absence of a triadic relation”.

Tal proposta, segundo John, foi algo que Peirce incluiu no seu pensamento via “learning from the *Conimbricenses*”, permitindo-lhe perceber que os muros erguidos no coração das perspetivas diádicas (e não triádicas) sobre a formação de significado, como acusa serem aquelas que assentam sobre os princípios gerais da semiologia de Saussure, “cannot possibly be the whole story” (uma *whole story* que o autor não reconhece ter sido desvendada sequer por Peirce).

Nas páginas 158 e 159, já no capítulo 9, intitulado “Why Intersubjectivity Is Not Enough”, Deely volta a insistir no facto de que aquela “brilliant insight” de Peirce relativamente ao carácter triádico do sinal se deveu, acima de tudo, à sua exposição ao CJC.

A novidade aqui é o facto de que John deixa claro que o modelo triádico do sinal não passaria a ser fértil (ou estéril) pelo simples facto de ter sido inscrito pela pena de Couto ou por portar as marcas de

Poinsot e Peirce. “What’s important about any given proposal is not whose model it is”.

Julga Deely, antes pelo contrário, que um modelo do sinal é fértil sempre que “it enables us to understand the phenomenon of signification”, mais acrescentando julgar ser essa “the whole and sole reason why Peirce always insisted that the sign was triadic”.

Por fim, volta John a mencionar os autores do CJC na página 178, já no capítulo 10, intitulado “The Amazing History of Sign”. Destarte, o autor de *POR* começa por lembrar, em jeito de síntese, que o entendimento do sinal como veículo (ao invés de relação triádica) nunca antes do CJC encontrou terreno fértil para que se seguisse a proposta de um sinal em geral herdada de Agostinho de Hipona.

Segundo Deely, foi sol de pouca dura, tanto mais que o projeto estava parcialmente fadado a falir desde um princípio, ou não estivesse a proposta de Agostinho relativamente a um entendimento geral do *signum* contaminada pela confusão entre sinal e veículo, e o entendimento deste último privado de qualquer reconhecimento do circuito interno ou psicológico de significação.

Não obstante ter proposto um modelo geral de sinal, diz o autor que Couto não foi tão longe como foi João de São Tomás, no sentido em que não deu o passo de romper com um entendimento dos sinais como sendo determinados tipos de coisas, “whether emotions, ideas, sensible marks, sounds, whatever”.

Tivesse Couto dado tal passo, talvez nos fosse hoje dado ler sobre os autores do CJC, em Deely, o que se lê sobre Poinsot, ou seja, que este teve o mérito de ter-se começado a dar de conta, pela primeira vez na história da filosofia, “that it is the relation itself imperceptible to sense which constitutes the sign in its being as sign, whatever vehicle — externally material or internally psychological — carries the signification”.

John, como se pode ver nas referências bibliográficas de *POR*, continua a valer-se da mesma edição da *Dialectica* de Couto, publicada em Lião no ano de 1607 (cf. p. 187), tal como dos trabalhos de autoria e tradução dedicados ao CJC por John Doyle (cf. p. 192).

O cjc em “Semiotic Animal”

De 2010 é a obra publicada pela Imprensa de Santo Agostinho em South Bend, Indiana, sob o título *Semiotic animal: a postmodern definition of “human being” transcending Patriarchy and Feminism*.

Ao subtítulo se acrescenta ainda alguma informação, na página iii, deixando desde logo patente que tal definição do ser humano deverá servir “to supersede the ancient and medieval ‘animal rationale’ along with the modern ‘res cogitans’”.

Logo à cabeça, John dedica uma secção preambular à temática da gestação de *Semiotic Animal*, deixando claro entre as páginas xi e xvi que esta não se trata de um trabalho através do qual pretende contribuir diretamente para a pesquisa historiográfica.

Trata-se, isso sim, de uma obra de filosofia no sentido *hardcore*, no sentido em que se trata de uma intervenção de Deely na marcha mais sincrónica e não tanto diacrónica do pensamento. Assim, a atenção dirige-se à escala presente dos desafios enfrentados por parte de quem não está ainda defunto.

Num sentido amplo, o autor espera que esta obra contribua para a semiótica geral e, muito particularmente, para a antropologia filosófica ou antropossemiótica. Muito concretamente, trata-se aqui do desenvolvimento de um argumento que mostre de que forma a semiótica se pode prestar à discussão contemporânea acerca do que é a humanidade; ou, nas palavras de John, que mostre

How semiotics provides the dawn of a new understanding of the human being as no mere ‘thinking thing’ but a veritable part of the whole of nature, a semiotic animal, charged as such, for reasons that come more and more to the fore, even with the care of nature, the responsibility for the health of life on the planet as a whole (“semioethics”), as it is turning out.

Semiotic Animal conta com doze capítulos e um corolário, no qual o argumento desdobrado ao longo de cerca de uma centena de páginas serve de fundamento para justificar a necessidade de uma profunda

implicação do animal semiótico ou humano com o florescimento da ética, aqui chamada de semioética.

Os autores do CJC são evocados por John nos capítulos 5 e 7, respetivamente intitulados “Etymological Tracings” (da expressão *animal semiótico*) e “Semiotic Reading of the History of Philosophy”.

No segundo caso, a referência encontra-se sob a quarta rubrica da terceira subsecção do capítulo, na mesma ordem intitulados “In search of a definition of the human: first some necessary preliminaries” e “Transition to Semiotics: a Postmodern Era Opens in Philosophy”.

É na página 31 que nos deparamos com a primeira referência aos autores do CJC, depois de sermos informados, a começar na página 29, sobre usos passados, conhecidos e independentes uns dos outros, da expressão *animal semiótico* desde os finais do século XIX até à passada década de 90, tanto em alemão e em italiano como em inglês, língua na qual Deely dá conta de ter ele mesmo celebrado o emprego inaugural.²⁹

Segundo John, a história da semiótica reparte-se em várias tradições, pese embora as linhagens dessas tradições se revestirem de desiguais graus de relevância. Os autores do CJC são elencados na linhagem daquela que o autor julga constituir a principal tradição na área da semiótica.

Quando Göran Sonesson (1951–2023) proclamou, em 2022, que “Semiotic as a tradition of research (according to Deely)” está cheia de “empty spaces”, o sueco parecia julgar estar verdadeiramente a criticar John, quando na verdade se limitava a proceder à crítica de um espantinho mental de fabrico próprio.

Que não tenha John usufruído todas as vidas necessárias para dedicar-se com a mesma profundidade a todas as possíveis escolas e genealogias da história da semiótica, focando-se naquilo que acreditava ser o busílis dessa história, é uma acusação que poderia suspeitar-se subjazer à crítica de Sonesson.

²⁹ Ainda antes de uma recomendável leitura de *Semiotic Animal*, terá valor propedêutico para quem se interessar sobre este assunto investir algum tempo para assistir a Jamin Pelkey, Charbel N. El-Hani, e Elma Berisha, “Cognitive and Evolutionary Perspectives on John Deely’s Definition of Human Being, por Jamin Pelkey”, <https://doi.org/10.5281/zenodo.6499105>. Nesta sessão do IO2S DEELY, Pelkey sumariza os traçados etimológicos dedicados pelo autor de *Semiotic Animal* à expressão “animal semiótico”, para além de dar uma visão global da antropossemiótica de John.

Apesar de tudo, especialmente por ser sobremaneira instrutiva e ministrada por uma das maiores autoridades contemporâneas na área dos estudos da semiótica cognitiva, vale a pena assistir à sessão do IO2S DEELY que conduziu este professor da Universidade de Lund.³⁰

A linhagem a que pertencem os autores do CJC, segundo Deely, tem como ponto de partida Agostinho de Hipona e como mais recente figura de peso Thomas Sebeok, nela estando enraizados os trabalhos de grandes nomes do século XXI, como sejam os de Susan Petrilli e o próprio John.

Se bem que Deely e Petrilli não originaram a inovação terminológica *animal semiótico*, o primeiro afirma na página 30 de *Semiotic Animal* terem sido ambos quem primeiro empregou, com propósitos distintos (cf. pp. 32–33) a expressão “with strongly systematic overtones”.³¹

O emprego da expressão “semiotic animal” por estas duas figuras, conforme dizia John na página 31, “have in common firm roots in the major tradition of semiotics which traces its immediate lineage to Sebeok as well as Peirce, and thence back through Poincaré, the *Conimbricenses*, Soto, Scotus, Roger Bacon and Aquinas to Augustine”.

Esta “major tradition of semiotics” à qual pertence Sebastião do Couto, diz ainda o autor, distingue-se pela rejeição da relação de oposição entre natureza e cultura, tal como por favorecer uma perspectiva sobre a criação cultural enquanto “a natural extension of the activities of the semiotic animal according to what is proper to it as a part of nature”.

Torna-se assim ainda mais evidente que Deely reconhece nos autores do CJC personalidades iniludíveis na história do pensamento humano, pelo menos sob o prisma da semiótica.

Já no sétimo capítulo de *Semiotic Animal*, é na transição da página 49 para a 50 que surge uma nova alusão de John aos autores do CJC, logo após informar o leitorado de que o corpo *in fieri* de conhecimento a que se chama *semiótica* só começou a ser tematizado e ordenado

³⁰ Assista-se sobretudo ao período entre os quatro e os quinze minutos. A sessão está disponível para download em Göran Sonesson, Juan Mendoza-Collazos, e Elma Berisha, “What Is Cognitive Semiotics?, by Göran Sonesson”, <https://doi.org/10.5281/zenodo.6299913>.

³¹ Para um recente uso da expressão “*semiotic animal*” num texto da coautoria de Petrilli leia-se Susan Petrilli e Augusto Ponzio, “Semioethics as a Vocation of Semiotics. In the Wake of Welby, Morris, Sebeok, Rossi-Landi”, em *Semiotics and Its Masters*, ed. Kristian Bankov e Paul Copley, Semiotics, Communication and Cognition, volume 18. Boston e Berlin: De Gruyter Mouton, 2017, 25–44.

enquanto área de pesquisa centrada sobre o estudo da semiose nos finais do século passado.

Nesta linha, diz Deely que a semiótica “names the knowledge that corresponds to the awareness and study of semiosis”, acrescentando que se devem em grande parte aos esforços de pesquisa da latinidade tardia as “basic ideas in this area”, isto é, a semiótica.

Entre os principais resultados dos referidos esforços de pesquisa consta o CJC, cujos autores não só contribuíram para a história da semiótica por via da publicação do *Cursus* como o fizeram também, continua John, na viva qualidade de pedagogos, ou não teria Poinsot tido o privilégio de estudar em Coimbra.

Atribui o autor de *Semiotic Animal* ao pupilo de Couto o mérito de haver sido “the first thinker to systematize the foundations of semiotics as a prospectively unified field for a systematic investigation in his *Treatise on Signs* of 1632”.

Como já foi dito, valendo a pena repeti-lo como faz Deely (n27), o tratado sobre os sinais da *Dialectica* do CJC, acessível para o leitorado anglófono, é o que permite estabelecer uma ponte entre Charles Peirce e João de São Tomás.

Há que notar que parece decorrer da percepção de Deely que o CJC carrega a semente para a sua própria superação, tal como que as mentes que saibam aprender com o CJC vão ser causas de consequências auríferas.

O CJC em “Medieval Philosophy Redefined”

Trata-se agora de uma monografia escrita por John e publicada pela segunda vez por parte da St. Augustine’s Press em 2020 (a primeira vez data de 2016), intitulada *Medieval philosophy redefined as the Latin age: the development of cenoscopic science, AD 354 to 1644 (from the birth of Augustine to the death of Poinsot)*.

No ano de 2010, sob o selo editorial da *University of Scranton Press*, publicou-se a primeira edição desta monografia (doravante *MPhR*). Já lá vão três edições distribuídas ao cabo de uma década, o que pode facilitar a que se preste testemunho sobre o crescente interesse do leitorado contemporâneo pela filosofia medieval e, muito particularmente, pelo trabalho de John.

O autor confia que em *MPhR* se encontrará um laboratório historiográfico com vista a futuras pesquisas. Não há de ser inoportuno que o autor confira às suas primeiras palavras um tom de cerimónia, já que o discurso encerra uma promessa: a de uma narração ímpar da história da ciência.

Dito em termos mais rigorosos, Deely assegura à comunidade de pesquisa que tem faltado à história da ciência uma vasta e expressiva quota-parte da experiência humana da ciência, e trata-se aqui de um exercício que tenta vencer tamanho desequilíbrio.

John usa o termo *science*, lê-se na página x, para denotar “*critically controlled objectification*”, e observa que, no decorrer dos tempos, a evolução da ciência provou ser consideravelmente mais tonificada e profunda do que sugerem as suas interpretações mais habituais.

Desvendar de forma inequívoca o ponto cego da história da objetificação criticamente controlada, designada por Deely como *Idade Latina*, é suscetível de propiciar, na opinião do autor, um reequilíbrio no seio da comunidade de pesquisa, até hoje abalada em virtude do desprezo dado por uma mentalidade moderna a 1290 anos de pesquisas, contados desde o berço de Agostinho de Hipona até ao túmulo de João de São Tomás.

Estes duradouros séculos decorreram sob o signo de um rigoroso desenvolvimento de práticas científicas levadas a cabo por uma disciplinada comunidade transnacional que originou uma massa documental de descobertas como nunca antes registrado na história da humanidade, massa ainda um tanto ignorada nos dias que correm, conforme John reiteradas vezes atesta.

Não faz falta ter em conta mais que o título completo de *MPhR* para dar de caras com a escola de Coimbra, representada por João de São Tomás. Como pode presumir-se logo no encontro com a capa da obra, é o ano da morte do conimbricense Poinot, o que significa que chegou a hora de baixar o pano da Idade Latina numa leitura diacrónica da pesquisa filosófica no Ocidente.

Logo nos “Contents at a Glance”, cruzámo-nos com Poinot, nos títulos dos capítulos 10 e 12, e com o fundador da escola de Coimbra, Pedro da Fonseca, este que copreside, a par de Tomás de Aquino, aos treze quartos de século compreendidos pelo capítulo 9.

Fôssemos a detetar todos os sinais da escola de Coimbra que trespassam o universo de *MPhR*, necessário seria um regimento de pesquisa e alguns séculos de atividade em regime de exclusividade, massa crítica e tempo dos quais não dispomos.

Por razões da mesma ordem, não será possível aprofundar aqui as vias abertas pelos sinais do CJC nesta obra de John. Tais sinais, por serem incontáveis e de profundo significado, forçam-nos a nada mais que esboçar um telegráfico mapa das referências ao *Cursus* em *MPhR*.

A mais anterior referência aos autores do CJC encontra-se na página xx, no contexto dos “Contents in Detail”. O décimo capítulo de *MPhR*, intitulado “Poinso’s Triumph (1632): The Success and Failure of the Latin Age”, subdivide-se em cinco secções principais.

As três primeiras secções do capítulo 10 são exclusivamente dedicadas a autores da escola de Coimbra (nomeadamente Pedro da Fonseca, João de São Tomás e, entre os dois, os chamados *Conimbricenses*), desde logo apresentados como representando o “Second Outcome” de uns sucesso e fracasso simultâneos da Idade Latina.

Tal subcapítulo dedicado aos autores do CJC, informa desde logo John, girará em torno da segunda parte da definição original agostiniana do *signum*. Em que consiste semelhante definição, e de que partes se compõe? Na página 339 de *MPhR*, Deely declara que a versão original da definição de Agostinho é formada por dois componentes básicos:

- 1) Por um lado, “that the genus of sign was a material structure accessible to sense”; não é a isto que o autor está a fazer alusão ao evocar a segunda parte da referida definição;³²
- 2) Pelo outro, Agostinho acentuou a especificidade dos sinais no que respeita a levarem à percepção algo distinto dos sinais em si mesmos.

Ainda na mesma página, John observa que “it was the first element in Augustine’s definition, according to which a sign is a sense-accessible

³² Sobre a primeira parte da definição original agostiniana do *signum* e uma semente de pesquisa suscitada por Deely, que relaciona este tema com a obra de Pedro da Fonseca, pode partilhar-se com o leitorado anglófono Junqueira, “Pedro Da Fonseca in a Research Lead Dropped by John Deely”, *Academia Letters*, agosto de 2021, https://www.academia.edu/50912336/Pedro_da_Fonseca_in_a_research_lead_dropped_by_John_Deely.

structure [...] that was the first”, num período que antecede historicamente o CJC, “to be challenged”.

De notar que, nos “Contents in Detail”, são cerca de cinco centímetros que separam a palavra *Conimbricenses* do título do capítulo 11, nada mais nada menos que “The Crash and Burn of Scholasticism, c. 1600–1650”.

Já no miolo de *MPhR*, é no seio do capítulo 2, “Geography of the Latin Age”, e mais precisamente no último parágrafo da quarta página da rubrica “Sociological Geography: Seeing Latinity as a Whole”, que se encontra a primeira referência de Deely aos *Conimbricenses*.

Pode ler-se na página 51 que ao “later, substantive period” da latiniade compreendido entre os séculos xv e xvii pertencem os trabalhos de autores da estatura de Sebastião do Couto e outros “Latin Hispanic philosophers” mais ou menos reconhecidos ou até esquecidos “whose insight into the foundations of the theory of knowledge in terms of the role of signs in human experience” cantou a pedra do desdobramento daquilo que, não obstante ter ficado a fazer renda durante a modernidade, “is now coming to be recognized as the postmodern phase of contemporary philosophy”.

Dos séculos xv–xvii diz John ter resultado uma “vein of pure philosophical gold, which has only begun to be mined”. Tal veia aurífera deve-se, prossegue o autor, sobretudo ao trabalho desenvolvido nas “scholastic faculties of the principal universities of Portugal and Spain” em áreas tão diversas como as da filosofia social e política, ontologia, ou ainda teoria do conhecimento.

Tal comunidade de pesquisa sediada nos velhos reinos da Península Ibérica, diz Deely, teve o mérito de anteciper “the dawn of a new epoch in the history of philosophy as a whole”, a já referida fase pós-moderna da filosofia contemporânea, cuja última designação atribuída por Deely terá sido, segundo testemunho oral de Gary Shank,³³ a seguinte: “the Age of Relation”.

³³ O testemunho oral de Gary Shank foi dado em sede pública, numa sessão do IO2S DEELY; pode ser confrontado in Lucia Santaella, Gary Shank, e Yulia Nikitenko, “Mind and Cognition at Play in the Semiotics of Peirce, by Lucia Santaella”, <https://doi.org/10.5281/zenodo.6062103>.

A tal fase da contemporaneidade filosófica irá corresponder uma comunidade de pesquisa à qual poderá vir a chamar-se de *geração R* (“R” de “relação”). Tal geração será mais capacitada que as gerações modernistas por situar-se de um modo aberto e consciente entre a tradição e a inovação, não ignorando os troços do caminho que, no seio da comunidade de pesquisa, se foi trilhando com o passar dos milénios.

Novamente são os *Conimbricenses* referidos em “A Notion Pregnant with Problems”, penúltima rubrica de um subcapítulo dedicado exclusivamente a Agostinho de Hipona, o primeiro subcapítulo do capítulo 4 de *MPhR*, intitulado “Founding Fathers of the Latin Age”, que para além de centrado em Agostinho se centra em Anício Severino Boécio (c.480–524), tradutor e comentador latino do património da antiguidade grega, *inter alia* a lógica aristotélica.

Lê-se na página 93 que os autores do CJC, tal como João de São Tomás, consideraram a definição original agostiniana de *signum* demasiado estreita pela razão de que “it applies neither to concepts not to percepts as such”, no que terão sido precedidos por Pedro da Fonseca, Tomás de Aquino e vários outros dialéticos posteriores a Aquino, os mais importantes dos quais talvez tenham sido o filósofo franciscano Duns Escoto (c.1266–1308) e Guilherme de Ockham (1285–1347), também este um pensador seráfico.

Que se distinga entre *percepções e conceitos*, esclarece John em nota de rodapé, equivale a seguir “along the lines of the modern convention to use ‘concepts’ to name the products of intellectual activity and ‘percepts’ to name the ‘images’ formed by animal perception in interpreting sensation”.

Tal modo de falar, adverte o autor, não é representativo do modo como se exprimiam os autores agora referidos, pois no fundo a partir do qual pensavam Aquino e os demais a noção de *conceito* serve como “generic notion common to all animals”, isto é, comum a todos os “higher sense powers” que, “along with human understanding”, não só são sensíveis à realidade como também intervêm de forma ativa na interpretação “of what is sensed”.

Ainda no mesmo capítulo, no seu penúltimo parágrafo, página 95, sob a rubrica “The Strength of Augustine’s *Signum*”, Deely refere novamente os autores do CJC. Desta feita, John fá-lo listando-os em

primeiro lugar do lado dos autores católicos que diferencia relativamente a um outro lado de autores protestantes, entre os quais menciona primeiramente Clemens Timpler (1563–1624), respeitado teólogo que ensinou física no Gymnasium Arnoldinum em Steinfurt,³⁴ na Renânia do Norte-Vestfália, Alemanha, até falecer em 1624.

Apesar da diferenciação entre católicos e protestantes assinalar um contraste que entra pelos olhos, serve ao autor sobretudo para sugerir que, entre aquilo que de profundamente cristão possa dizer-se unir Couto ou Poinso e Timpler, está a igualmente expressiva ressonância do impacto “of Augustine’s original *general proposal itself*” relativamente ao *signum*.

Tudo isto serve a Deely para corroborar a tese de que em diversas matérias, como nas que respeitam à semiótica, Agostinho passa ao lado da “split of renaissance Christianity into Catholic and Protestant as a kind of governing figure over the thinking of both sides”.

Dezenas de páginas volvidas, só num subcapítulo dedicado ao teólogo escocês Duns Escoto, já no seio do nono capítulo de *MPhR*, em breve intitulado “After Aquinas but Before Fonseca”, torna John a fazer referência aos *Conimbricenses*.

Na página 315 e nas primeiras linhas da seguinte, afirma o autor que Charles Peirce “found more of value to the establishment of his semiotic among the Latins than in any single place”; a isto acrescenta que, por muito que os “prodigious studies” de Peirce “ranged far and wide”, algumas das mais preciosas contribuições em língua latina estavam “so buried” que Peirce só tomou conhecimento de poucos, como sejam Escoto e os autores do CJC, dos nomes a ter em conta no contexto da latinidade.

Insinua então Deely que ficou a faltar a Peirce, mais que tudo, haver topado com a *doctrina signorum* de João de São Tomás, que assevera constituir “the final answer to Augustine’s question” a haver emergido “in Latin thought”.

A resposta de Poinso foi tal que provocou um incansável fascínio em John desde o momento em que o mesmo John notou o quanto de

³⁴ Esta escola de gramática, fundada no final do século XVI, resistiu a todas as vicissitudes do tempo e continua hoje em pleno funcionamento.

sobreposição se verifica, “in the final conception of the being proper to signs”, entre a referida resposta e a que é dada pela semiótica de Peirce.

Tal sobreposição explica-se, continua Deely, não apenas pelo facto de que tanto Peirce quanto Poincot se formaram sob a égide dos ensinamentos dos autores do CJC e Duns Escoto, mas também por conta dos “objective requirements of the sign that determine the final outcome or ‘shape’ of the fundamental doctrine to which the sources are but landmarks along the way”.

Cerca de vinte e cinco páginas adiante, ainda no mesmo capítulo mas já sob a rubrica “Criticizing the First Part of Augustine’s Definition”, é possível encontrar nova referência aos *Conimbricenses*. John conduz a leitura à referida rubrica através de um jogo de oito parágrafos.

Sob tal título, o autor incide sobre o debate acerca da primeira parte da definição agostiniana de *signum*. Na página 341, o autor aborda a aplicação da distinção entre sinais formais e instrumentais por parte dos seguidores de Ockham, numa tentativa de se remediar uma insuficiência assinalada na definição de Agostinho.

Deely acredita que os discípulos de Ockham foram incapazes de aderir à primeira parte da definição indicada por isso implicar que, em ordem a que haja transmissão de quaisquer sinais, haverá sempre necessidade de uma “material structure accessed as such by sensation”.

Como tal, tais discípulos, também chamados de nominalistas ou okhamitas, denunciaram a definição de Agostinho pela ausência de reconhecimento de quaisquer sinais para além dos sinais instrumentais.

Pertinentes a um circuito exclusivamente assente na transmissão de sinais mediante estruturas psicológicas a que os sentidos externos não deveriam permitir aceder, os sinais formais não parecem aos okhamitas caber no âmbito da referida definição.

De acordo com John, ninguém está em condições de fazer valer o seu conhecimento quanto à primeira vez em que uma tal terminologia constitutiva do binário *sinais formais/instrumentais* foi proposta. Na sequência, o autor descreve, já na página 342, os fracassos registados

pela comunidade de pesquisa na determinação da proveniência de tal inovação terminológica.³⁵

Eis o momento em que os *Conimbricenses* regressam ao picadeiro de Deely. No capítulo de *Semiotics 1984* intitulado “The *Conimbricenses* on the Relations Involved in Signs”, John Patrick Doyle ter-se-á visto desencaminhado perante uma leitura do CJC, atribuindo a inovação terminológica a Gil de Roma (1243–1316), filósofo e teólogo escolástico.

John Doyle baseou a sua hipótese, diz Deely, “on the manner in which the *Conimbricenses* had referred to Giles. But even Homer Nods”, isto é, “até Homero passa pelas brasas”, significando que nem sequer as pessoas mais atentas e competentes estão imunes ao erro. Seguem-se as seguintes palavras de Deely:

When, having made his announcement, Doyle tracked down the *Conimbricenses*’ remark to Giles’ actual text, he was reminded again of [Étienne] Gilson’s adage, “Check your references!”. The *Conimbricenses* had misled one of the best and most careful medievalists of the late 20th century.

Pode ler-se, nas páginas 570 e seguinte de *Semiotics 1984*, que os “*Conimbricenses* have given us a number of divisions of signs” duas das quais, segundo John Doyle, “are of special importance”, tratando-se a segunda da divisão “between formal and instrumental signs”.³⁶

É sobre esta segunda divisão que escrevia Doyle no momento em que procedeu à tal leitura infeliz do CJC assinalada por Deely. O primeiro diz o que se segue:

As the *Conimbricenses* see it, earlier Scholastics did not have an explicit notion of a formal sign, although they did in various ways

³⁵ Está tudo a apontar para Pedro da Fonseca como candidato privilegiado.

³⁶ No contexto do CJC, a primeira divisão entre sinais referida por Doyle na página 570 é “a traditional division of signs into those which are natural and those which are arbitrary or conventional”. Os primeiros “are those which signify the same thing to everyone, or which from their very nature have a power to signify something”. O exemplo dado é o do fumo, “which of its very nature signifies fire to everyone”. Os sinais arbitrários ou convencionais, por outro lado, “are those which signify by the will of human beings, and by a certain composition or addition to natural things”. É dado o exemplo das palavras, “whether written or spoken”, e das coisas relativamente às quais “has been added”, por força da convenção, “a power to signify”. Doyle aponta então para a segunda questão, artigo primeiro, da *Dialectica* de Couto.

grasp the reality of the division. The first one explicitly to speak of “formal signs” in this context was Giles of Rome.

Doyle cita então uma tradução inglesa, presumivelmente da sua autoria e estilisticamente distinta da que publicou em 2001,³⁷ de um excerto que atribui ao terceiro artigo da segunda questão da *Dialectica* de Couto, o que constituiu desde logo um erro, pois o excerto que cita encontra-se no primeiro artigo da referida questão.

Podem ler-se os textos original do dialético jesuíta conimbricense e a tradução portuguesa de Amândio Coxito nas páginas 68 e seguinte da edição bilingue deste último. Lê-se o seguinte: “Omne id quo mediante aliud cognoscimus aut necesse est a nobis prius cognosci aut non. Si debet cognosci, est instrumentale signum; sin minus, formale”; “Tudo aquilo por meio do qual conhecemos algo diferente ou deve ser primeiramente conhecido enquanto objeto ou não. Se deve ser primeiramente conhecido, é um sinal instrumental, de contrário é formal”.

A leitura de Doyle foi infeliz porquê? Será porque Couto não aponta para Gil de Roma, também conhecido como *Ægidius Romanus*, este que segundo Deely não é responsável pela inovação terminológica *sinal formall/instrumental*?

Em boa verdade, a resposta certa é mais ou menos; ou seja, Couto refere Gil de Roma mas não diz que foi este o primeiro a introduzir tal inovação na literatura, nem tampouco diz explicitamente que o mesmo a tenha sequer empregue.

Lê-se, nas mesmas páginas da edição e tradução do trabalho de Couto por Coxito, o seguinte: “Hanc quoque divisionem idoneam esse ita probabis cum *Ægidio*”, “Demonstra-se com Egídio [...] que esta divisão é adequada”.

Doyle aparenta ter sido desafortunado ao ler o CJC em dois planos. Um deles já foi evocado com Deely, que declarou que, por não ser perfeito, Doyle não controlou as respetivas referências. O outro plano

³⁷ Em *Semiotics 1984*, página 571, traduz-se: “Everything by the mediation of which we know something else, necessarily is either itself first known by us or not. If it must be first known, it is an instrumental sign — if not, then it is a formal sign”. Por sua vez, na página 59 edição latina/inglesa do tratado de Couto sobre os sinais lê-se: “Everything by whose mediation we know something else must be itself first either known or not known to us. If it must be known, it is an instrumental sign; if not then it is formal”.

não se refere a listas de controlo de pesquisa intertextual, mas antes à leitura da letra do texto de Couto.

Nesse sentido, torna-se forçoso colocar a hipótese de Doyle ter interpretado Couto de forma extrapolada. Afirmar, como fez o dialético jesuíta, que uma determinada proposta, neste caso a adequação de uma específica divisão dos sinais, pode ser atestada com base na opinião de outrem não significa de modo algum que tal pessoa tenha apresentado tal proposta de uma forma expressa, ou até mesmo de todo.

Passemos adiante quanto à pergunta sobre quem deve creditar-se em relação à mencionada inovação terminológica e aos descuidos de pesquisa de Doyle, e passemos novamente a *MPhR*, onde já no décimo capítulo, inteiramente dedicado a Pedro da Fonseca, voltamos a deparar-nos com os *Conimbricenses*, mais precisamente no fundo da página 355.

Encontramo-nos na entrada do terreno de uma apelativa rubrica intitulada “Fonseca’s Stratagem”, onde são reconhecíveis quatro versões dos nomes dos autores do *Cursus*, caso a caso seguidas da delimitação cronológica dos respetivos ciclos biográficos.

Os quatro filósofos jesuítas são assim acusados de fazerem parte do *estratagema* de Fonseca: “Among his chief collaborators”, diz John sobre o famanaz dialético jesuíta, “were Emmanuel de Goes (1542–1597), Cosmas de Magalhães (1551–1624), Balthasar Alvarez (1561–1630), and Sebastian de Couto (1567–1639)”.

Ninguém é perfeito, e por não ser Deely exceção haverá que corrigi-lo no que respeita a dois detalhes. Confiando em Mário Santiago de Carvalho, a datação está certa quanto a Cosme de Magalhães e Sebastião do Couto, mas verdade será dizer que Manuel de Góis e Baltasar Álvares nasceram depois e antes da data indicada por John: Góis nasceu em 1543 e Álvares em 1560.³⁸

³⁸ Cf. Mário Santiago de Carvalho, “Góis, Manuel De”, em *Conimbricenses.Org Encyclopedia*, ed. Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2020, <http://www.conimbricenses.org/encyclopedia/couto-sebastiao-do/> e, do mesmo autor, “Álvares, Baltasar”, texto de 2019 publicado na mesma enciclopédia, disponível in <http://www.conimbricenses.org/encyclopedia/alvares-baltasar/>. Pode também ler-se, igualmente em inglês, “Magalhães, Cosme De” (<http://www.conimbricenses.org/encyclopedia/magalhaes-cosme-de/>) e “Couto, Sebastião Do” (<http://www.conimbricenses.org/encyclopedia/couto-sebastiao-do/>), ambos publicados por Carvalho no contexto da já referida enciclopédia digital do Instituto coimbrão. Sobre esta instituição coimbrã, o IEF, pode ler-se Junqueira, “Residência Institucional no Instituto de Estudos Filosóficos da

Mais e mais, refere-se o autor a Fonseca dizendo que este esperava a operacionalização do supramencionado estratagema por meio do CJC, não obstante tal não se ter verificado, tendo o *Cursus* seguido o seu próprio caminho.

De acordo com John, o autor das *Instituições dialéticas* acreditava, em finais do século XVI, ter chegado a hora de esclarecer a letra do texto original do tratado de Aristóteles dedicado à interpretação, no qual em momento algum terá podido Fonseca encontrar uma única palavra que pudesse ser fielmente traduzida por *signum*.

Segundo Deely, Fonseca estava certo até à raiz dos cabelos, pois mesmo para o inglês não deveria traduzir-se por *sign* toda uma multiplicidade de termos aristotélicos infielmente traduzidos para o latim por *signum*, mas sim de outro modo, como recurso a termos como *symbol*, *likeness* e *symptom*.

Assim, continua o autor, foi na esteira da ignorância da língua grega por parte de Agostinho que viveu e perdurou, no contexto da latinidade, “a phantom of the mind” que orientou muito do dispêndio intelectual de energia ao longo de uma sinuosa “way of signs” que, como diz John ter entendido bem Fonseca, não era senão uma “road to nowhere”, ou na melhor das hipóteses uma *road* para uma *illusion*: uma doutrina ilusória dos sinais.

Julga Deely que o estratagema de Fonseca, muito particularmente a ideia de avançar com aquilo que viria a ser o CJC, visava a construção de uma via alternativa ao já referido *caminho para nenhures*.

Ressalve-se que John não considera ter-se limitado, o propósito fonsecano de avançar com o projeto do CJC, a uma tentativa de romper com os mal entendidos da já referida *via dos sinais*, pois reconhece em Fonseca o autor um tal “whole broad range of considerations” que “only a man of learning could conceive”.

Assim, de acordo com Deely, “Fonseca organized that team of Latin researchers who, like himself, were learned in Greek”, no intuito de tornar

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”, *report*, junho de 2021, <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/95610> ou então, mais resumidamente embora em castelhano, “IEF — Instituto de Estudios Filosóficos de Coimbra”, *DEDiCA Revista de Educação e Humanidades (DREH)*, n. 19 (11 de novembro de 2021): 453–63, <https://doi.org/10.30827/dreh.vi19.20905>, da mesma autoria.

possível trazer a lume comentários “not on some half-Arab, half-Latin surrogate for Aristotle”, mas sim sobre “the Greek Aristotle himself”.

Uma vez mencionados os quatro autores do CJC, afirma o autor que os esforços de uma equipa tão memorável resultaram em “what has come down to us as the five-volume set of *Commentary* on Aristotle called the *Conimbricenses*”, cuja *Dialectica* é “the one that principally interests us here”.

Quanto àquele que de facto é o último volume do *Cursus*, John atribui a sua autoria acertadamente a Couto, mas engana-se ou foi induzido em erro ao dizer tratar-se do quinto volume, pois trata-se do oitavo.

Tudo indica que John foi desencaminhado por Doyle. Ao anunciar ao leitorado que citará este, Deely faz questão de dizer que, no que toca ao CJC, ninguém é mais conhecedor que Doyle, o que denota um certo provincianismo estadounidense.

Na referida citação, na página 356 de *MPhR*, lê-se que *Conimbricenses* se aplica “to a five-volume set of philosophical commentaries on Aristotle”. Aceitando que a autoridade de Doyle induziu o autor em erro, o enigma sobre a origem deste ficará resolvido, e reforçada ficará ainda a tese de que ninguém é perfeito, mesmo quando a sua graça é John.

Pondo cobro à referida rubrica, ainda na mesma página, diz Deely que o estratagema de Fonseca não foi fechado com chave de ouro nem nada que se pareça. Assim é, segundo o autor, porque não foi levado adiante o referido estratagema pelos autores do CJC.

Em vez de satisfazerem as esperanças de Fonseca no sentido de confinar-se a via dos sinais, ao cabo de mais de um milénio, na paz de um descanso tumular, continua John, os autores do *Cursus* produziram um curso filosófico que teria feito Fonseca sentir nada mais nada menos que *disappointment*, houvesse este vivido para ver o resultado de ter ficado o sucesso do seu estratagema nas mãos de Góis, Álvares, Magalhães e Couto.

É na mesma página anunciado um novo subcapítulo, inteiramente dedicado aos *Conimbricenses*, e muito particularmente ao que aqui mais nos interessa também a nós, isto é, o tratamento dado por Couto aos sinais.

Deely começa por afirmar que os autores do CJC “were members of the faculty of the University of Coimbra at the time John Poinset was an undergraduate student there”, e que os primeiros “were among his professors in his course-work”.

Em primeiro lugar, cabe notar que os autores do CJC não ensinaram na Universidade de Coimbra, mas sim no Colégio de Jesus, e por isso apenas neste colégio poderiam ter eles sido professores de João de São Tomás; em segundo lugar, não pode ser verdade que tenham os quatro filósofos jesuítas sido professores de Poinset em Coimbra, pois Manuel de Góis foi sepultado antes daquele ter sequer completado dez anos de idade.

Numa cronologia de eventos da vida de Poinset que se encontra na edição deelyana do tratado do primeiro sobre os sinais, mais precisamente na página 432, a primeira referência de John aos estudos de João de São Tomás em Coimbra aponta para 1604, altura pela qual este ainda não havia terminado o curso de Artes, o que veio a suceder o ano seguinte.

“The last mention of Poinset in the Coimbra archives”, afirma Deely na página 356 de *MPhR*, “is on May 8, 1606”, a propósito de ter aquele frequentado o primeiro ano de teologia, curso que concluiu em Lovaina no ano de 1608, apenas dois anos após ter abandonado os estudos em Coimbra, o que significa que lhe foram atribuídas equivalências por um bem sucedido primeiro ano de estudos teológicos nas cercanias do Rio Mondego.

Em 1606 foi dado ao prelo, pela primeira vez, a *Dialectica* do CJC, esta que trata, diz John, da questão dos sinais de um modo que não só não seguia a receita das *Instituições dialéticas* de Fonseca como também poderia ter constituído, para este, “something of a rude shock”.

Na página 357, tem imediatamente início uma primeira rubrica, que se intitula “The Second Part of Augustine’s Definition” e não se alonga para além da referida página. A definição original de *signum* proposta por Agostinho é composta por duas partes, conforme já foi exposto.

É precisamente o foco na discussão sobre a segunda parte da dita definição por parte dos *Conimbricenses* que Deely considera ter-se

provado decisivo, não obstante este ter-se confessado ignorante relativamente a “whether it was directly from suggestions of Fonseca or only indirectly and more on their own” que os autores do *Cursus* seguiram o caminho que seguiram.

Evidente é que, nesta sua história do *signum*, John opina ter sido tal foco “the decisive one”, querendo com isto dizer que o foco do tratado de Couto sobre os sinais na segunda parte da referida definição de Agostinho representa uma viragem com respeito ao legado de uma tradição mais interessada em discutir a primeira parte da definição.

Não obstante ser a primeira, esta parte da definição é reputada pelo autor de *MPhR* como sendo última em importância, tendo em conta que o seu dismantelamento não terá permitido dar resposta à questão sobre a dimensão da abrangência da realidade compreendida pela classe dos sinais.

Tal viragem propiciada pelo CJC, nas palavras de Deely, denota uma dinâmica “to face directly the problems raised by the second part [...], according to which a sign is distinguished by always bringing into awareness something other”, constituindo uma relação cujo término é *aliquid aliud*, algo outro.

De forma mais simples, diz ainda o autor, pode constatar-se que na esteira do CJC se veio a enfatizar o facto de que todo o sinal constitui uma relação *ad aliquid aliud*, e por isso dirigida a algo outro do que o próprio *signum*, o que significa um reconhecimento de que o sinal, no seu ser, se trata de um *esse ad*, isto é, *ser para* ou *ser dirigido a*, “rather and in contrast to esse in” ou *ser em*; ou seja, os sinais são *dirigidos a* algo outro, mas não se encontram *em* algo além de si mesmos.

Não obstante tratar-se este de um problema precípua na esfera da semiótica, conforme atesta John, tal só veio paulatinamente “to the foreground of Latin discussions”, facto que julga o autor constituir “a matter for historical record”.

Não é incerto ter Deely considerado que esteve a escola de Coimbra indissociável da figura de Pedro da Fonseca, mas neste caso muito graças também aos trabalhos de Couto e sobretudo Poinot, na linha da frente no que concerne à já referida viragem no âmbito da discussão latina sobre a definição agostiniana de *signum*.

Terá reinado, sugere ainda John, a falta de concordância entre antigos, medievais e modernos quanto à questão de saber se “certain things belong” à esfera do sinais “but not others”, pois nem mesmo “the expansion of the notion of sign to include interior or psychological states” permitiu que fosse alcançado, nesta matéria, um acordo.

Apesar disso, ressalva o autor que nunca deixou de existir um alargado consenso, que tem resistido à navalha dos tempos gerações trás gerações ao longo dos séculos, com respeito ao facto de que “*a sign, whatever else it may be, is, in every instance, something relative, aliquid relativum*”.

Deely confia na percepção de que o informa sobre ter sido a escola de Coimbra, tal como a escolástica tardia de um modo geral, a beneficiar do privilégio de haver participado no exórdio da tematização literária da segunda parte da definição agostiniana de *signum* no universo histórico da agenda da comunidade de pesquisa.

A crer no autor, a referida tematização contou com adesão em massa, ou não diria o mesmo que a referida discussão sobre a segunda parte da definição de Agostinho é “common to the whole variety of competing descriptions of phenomena cited as ‘signifying’” por parte da escolástica tardia.

Pese embora pareça provável que o ar que se respirava nos séculos que mais se aproximaram de um futuro a que se deu o nome de modernidade fosse melhor do que aquele que nos mantém vivos desde esta última até ao nosso século, não se pode explicar o génio e a génese desta viragem filosófica que se deu graças à escolástica tardia sem que saibamos levar em linha de conta que essa escolástica herdou, por um lado, uma discussão e, por outro, muitas mais coisas boas.

Foi legada a pensadores como Fonseca, Couto e Poinset, destaca John, toda a discussão grega sobre *a temática da relação*, tal como a capacidade de aceder à leitura dos textos no original, e portanto também de bater asas para longe das imprecisões codificadas pelas traduções árabes e latinas.

Para além disso, foram os escolásticos tardios de um modo geral beneficiários de todas as coisas boas resultantes das traduções e demais interpretações dedicadas às obras de Aristóteles que foram sendo pu-

blicadas desde a época da entrada em cena da língua latina na história dos aristotelismos, isto é, desde os tempos de Severino Boécio, este que terá sido responsável, atesta Deely, por dar à luz o “Aristóteles latino” por via dos seus esforços de tradução.

A segunda rubrica deste subcapítulo dedicado aos *Conimbricenses*, já a partir da página 358, intitula-se “Resuming the Ancient Discussion in Latin Terms”. Inicia-se com um resumo da exposição sobre as modalidades da relação constante no quarto capítulo de *MPhR*.³⁹

No seguimento, o autor dedica-se a informar a nossa leitura sobre o contexto da discussão em torno da temática da relação no seio da escolástica tardia no momento em que os autores do *Cursus* se vieram a envolver nela.

“The dispute”, alvitra John, “centered on whether in the physical world there were only transcendental relations”, isto é, a substância e os seus acidentes (“ontological subjectivity”), ou se há também relações propriamente ditas, relações em si mesmas ou “ontological relations”.

As relações em si mesmas ou relações ontológicas, segundo o autor, “may exist in the environment”, ou seja, independentemente da mente, sendo ou não conhecidas, isto é, quer existam também “objectively in thought” quer não. Por outro lado, as relações ontológicas podem ainda existir de forma não mera mas puramente objetiva, sem contraparte na realidade física.

Tal entendimento com relação às relações em si mesmas, assegura Deely, deixa-nos relativamente próximos das posições de Tomás de Aquino e Duns Escoto, tal como das escolas promovidas pelos respectivos seguidores entre os séculos XIV e XVII.

Não obstante soar-nos tal entendimento bastante óbvio, adianta John que não terá soado assim a uma grande parte da tradição escolástica, mormente aos nominalistas, estes aos quais o autor se refere no topo da página 359 como “that loose confederation of thinkers that came to be especially (but not exclusively) associated with the work of the 14th century scholastic William of Ockham”.

³⁹ Para uma doura e didática palestra sobre a questão das modalidades da relação de acordo com John Deely pode assistir-se a Banzelão Teixeira, Scott Randall Paine, e Elma Berisha, “The Supra-Subjective Nature of Relation: John Deely’s “Semiotic” Response, por Banzelão Teixeira”, <https://doi.org/10.5281/zenodo.6371702>.

No seio do nominalismo, ressalta o autor, preconiza-se a exclusividade da substância e os seus acidentes na constituição da realidade física, e portanto considera-se que as relações enquanto tais não podem constar de tal realidade.

Aquilo a que Deely chama de “categorial” ou “physical relations” deverão ser, numa perspectiva nominalista, tudo menos “mind-independent”. Assim é, pois, nas palavras do autor, uma pessoa que adere ao nominalismo deverá afirmar que as ditas relações físicas não passam de “comparisons made by the mind, *relationes rationis* in the consideration of objects”.

John explica que tal posição nominalista significa que as supostas relações físicas só são reais na qualidade de pensamentos, ou seja: “as what is *signified* in thought, as objective”, tais relações “are *purely* objective”, o que é o mesmo que dizer que as mesmas são objetivas “without any mind-independent counterpart, *without* any intrusion of physicality within the objectivity”.

As escolas que favorecem o pensamento de Aquino e/ou Escoto, por seu turno, consideram que as relações estão para cá e para lá da fronteira entre mundo e pensamento, na medida em que no seio de tais escolas se julga, de acordo com o autor, que o “positive being” das relações é indiferente à distinção entre “the order of what is, and the order of what is not, capable of existence independently of the cognitive activity of organisms in particular or some finite mind in general”.

Em conformidade, estira Deely, uma relação ontológica deve ser sempre “essentially relative”, até mesmo no que respeita à sua situação na encruzilhada entre as ordens da existência a que normalmente designamos como *realidade* e *ficção*.

No âmbito das escolas seguidoras de Aquino e Escoto, relativamente às quais John se apresenta em pleno acordo nestas matérias, todas as ficções são “pure relations”, mas as não-ficções também podem constituir relações puras.

Como diz o autor na página 361, tais escolas promovem a crença sobre as relações fazerem parte do núcleo duro (não-ficcional) da existência, ao qual Deely chama “the realm of the categories”, sem que com isso se queira dizer que o reino das categorias se esgota em relações puras,

contemplando também relações transcendentais, que é o mesmo que dizer a substância e os seus acidentes. Assim lê-se John:

The categories in mainstream medieval thought are only those univocal ontological rationales according to which instances of physical being, whether subjective or suprasubjective, in order to be understood, must be thought. Categorical relation, even though relative in its very definition (as is also any relation formed in and by thought, any *relatio rationis*), can yet not be reduced to any “relation of reason” because we find in our experience of objects intersubjectivities, relative aspects which are not invented by us, that is, essential relativities which are discovered and not created. Contemporary examples would be the order in a marching column of army ants, which is something over and above the individual ants as such; or the revolution of the planets around our sun rather than e converso (a point on which the medievals themselves were notoriously confused, well illustrating the essential and functional equivalence between categorical and rational relations as objective relations).

Toda e qualquer relação há de partilhar de um e mesmo traço determinante: uma relação é sempre “something whose whole being consists in a reference to another”. Contudo, como havia também dito Deely na página 102 de *MPhR*, tal fator estruturante “was not a point of central interest in the original medieval debates over relation”, uma vez que mais do que preocuparem-se com aquilo que ultrapassa a oposição entre o pensamento e o mundo, a comunidade de pesquisa *mainstream* na medievalidade “focused immediately on the differences between physical being (*ens reale*) and logical being (*ens rationis*)”.

Que a relação ultrapasse o abismo entre o mental e o natural, afiança John na página 361, não constituiu mais que uma extravagância no seio da generalidade da latinidade filosófica, pese embora tenha sido “curious enough to make of it passing mention, but nothing more”, e por isso mesmo “not a focal point for thematization, as is required for there to emerge any *doctrina signorum*”.

Assim, sugere-se que a emergência da semiótica propriamente dita (emergência para a qual o CJC concorreu de forma decisiva) implicou o

reconhecimento da singularidade da relação entendida enquanto relação ontológica, tal como do caráter relacional do sinal em geral; ou seja, o *signum* não na qualidade de veículo de significação mas enquanto a relação triádica ela mesma, inclusiva do veículo, é certo, mas também do objeto significando e de uma dimensão mental ou interpretante.⁴⁰

Ventos de mudança, afirma Deely, fizeram com que a discussão sobre o *signum* no ocaso da medievalidade tomasse um novo rumo, ou não teria ocorrido a dada altura que “the pertinence of the development of these points concerning the theory of relation to the foundations of the doctrine of signs” tenha começado a tornar-se patente.

Em conformidade com o autor, a escolástica havia então amadurecido o suficiente para que as atenções se voltassem para “the differentiative part of Augustine’s definition as revised to include psychological as well as physical vehicles of signification”, o que terá pressionado as discussões “to address directly the import of the sign as a relative being”.

John observa que, ao longo de cerca de um milénio (isto é, desde Agostinho de Hipona até à emersão da escolástica tardia), as discussões sobre a relação formaram um conjunto de “loose threads” taxadas como marginais, mas que não poderiam continuar a sê-lo para os autores do CJC, Poinot, e outros nomes da comunidade de pesquisa ocidental dos séculos XVI e XVII.

Na esfera de pesquisa da escolástica tardia, tal como na contemporânea (pelo menos desde Charles Peirce em diante), toda e qualquer discussão sobre a temática da relação se torna, nas palavras do autor, “directly relevant” para o esforço de dar resposta aos desafios do presente, e daí ser legítimo dizer que não só o CJC e as obras de Fonseca e Poinot mas a herança filosófica latina em bloco constitui matéria de interesse público e, em particular, para a comunidade de pesquisa.

Na página 362, anuncia-se uma nova rubrica intitulada “Focusing the Controversy over *Signum*”. No entender de Deely, a discussão

⁴⁰ Para um olhar introdutório mas não plenamente desatento à história da terminologia aqui utilizada para abordar o tema das dimensões elementares do *signum* enquanto relação triádica *veículo-interpretante-objeto*, pode seguir-se a recomendação de leitura da nota 28 *supra*. Servirá a leitura também para conhecer uma perspetiva centrada no papel do CJC na emergência da semiótica geral. Para este último tema mais leia-se acima de tudo o já referido texto sobre as fontes de Poinot cuja coautoria é de Beuchot e Deely. No conjunto dos dois textos será possível adicionalmente encontrar referências bibliográficas para mergulhos mais penetrantes no terreno de ambos os tópicos.

latina sobre o *signum* havia reunido nos séculos XVI e XVII as condições para desenvolver-se nos termos “of the medieval development of the notion of relative being”, só que formulando o busílis da questão num “very precise sense”: o sinal consiste numa relação transcendental ou ontológica?

A questão aclara-se nos termos de John, que diz que

Once it is understood that the whole of the physical universe is relative at least transcendently (i.e., in its explainability) and sometimes perhaps ontologically as well (i.e., in its very being), [torna-se imperioso admitir que] anything relative must be relative in at least one of these two senses.

Embora os animais humanos tenham, comprovadamente ao longo dos tempos, conseguido agir de forma espantosamente inteligente, continua a ser admirável constatar que as considerações humanas se elevaram a tal patamar.

Na opinião do autor, constitui “a matter of historical fact” que isso só se tornou possível “slowly and with much preliminary groping”, e muito provavelmente graças, em última instância, aos esforços dos autores do *Cursus* ou, nas palavras de Deely, “Poinset’s teachers at Coimbra”.

Sublinha John que foi sob os ombros de uma substancial literatura latina, em grande parte devida à escolástica da Alta Idade Média e a incontornáveis leituras dedicadas por toda a comunidade da época a Tomás de Aquino, que os autores do CJC, devendo aqui ler-se sobretudo o nome de Sebastião do Couto, “most certainly did begin to frame the discussion of sign in these terms of the classical Latin discussion of relation”.

Para o autor, há inequivocamente um antes e um depois do *Cursus Conimbricensis*, que considera marcar uma viragem histórica em matéria do tratamento dado aos sinais, uma viragem tal que representa uma libertação da comunidade de pesquisa do jugo de discussões que parecem a John só poderem ser reputadas, numa realidade pós-*Cursus*, como sendo “hopelessly naive”.

Que o CJC represente tão significativa superação das barreiras de uma tal ingenuidade exemplifica Deely citando uma tradução inglesa,

presumivelmente da sua lavra, de um excerto do primeiro parágrafo do tratado sobre os sinais da *Dialectica* de Couto, a saber: “nihil ducere in cognitionem alterius, quod in aliquam speciem signi non reducatur”. Assim traduz Deely, ainda na mesma página, o excerto supracitado: “There is nothing which leads to the cognition of anything else which cannot be reduced to some sort of sign”.

A tradução do autor não veio de Doyle, pois na edição latim-inglês do tratado de Couto sobre os sinais, da responsabilidade de Doyle, a expressão inglesa que pode ler-se na página 87 reza assim: “there is nothing which leads to the knowledge of something else which may not be reduced to some species of sign”.

As traduções deste excerto mereceriam um artigo por si só. Na edição de Amândio Coxito, o excerto e a respetiva tradução podem encontrar-se entre as páginas 113 e 115, onde se lê em português que “nada leva ao conhecimento de uma coisa se não puder reduzir-se a alguma espécie de sinal”.

Há também a tradução russa de vários excertos do CJC, da responsabilidade de Галина Вдовина (*Galina Vdovina*), numa extensa monografia intitulada *Язык неочевидного. Учения о знаках в схоластике XVII века* [*Jazyk neochevidnogo. Uchenija o znakah v sholastike XVII veka*], que traduzimos aqui por *A linguagem daquilo que não é óbvio. A doutrina dos sinais na escolástica do século XVII*.

É na página 38 das quase 650 de *Язык неочевидного* que pode ler-se, em nota de rodapé, o referido excerto. Na mesma página, mas no corpo do texto, pode ler-se a respetiva tradução da autoria de Vdovina, a saber: “все, что приводит [способность] к познанию другого, сводится к некоторой разновидности знака [vsë, chto privodit [sposobnost’] k poznaniju drugogo, svodit’sja k nekotorej raznovidnosti znaka]”, que poderia traduzir-se assim para o português: “tudo o que leva [a potência] ao conhecimento de algo outro reduz-se a algum tipo de sinal”.⁴¹ A variação russa é inteiramente inovadora em dois sentidos:

⁴¹ Cf. Галина Вдовина, *Язык неочевидного. Учения о знаках в схоластике XVII века*, Bibliotheca Ignatiana Nauka. Moscow: Inst. filosofii, teologii i istorii sv. Fomy, 2009. A orientação na leitura e compreensão do texto russo devêmo-la a Júlia Nikitenko, membro colaborador do IEF.

1. por um lado, inova-se ao traduzir fielmente a mensagem mas não a letra do texto de Couto, pois verte-se o enxerto para uma frase de valor afirmativo. Segundo testemunho oral da pesquisadora do IEF, Júlia Nikitenko, dado a 19 de maio de 2022, tal inversão propicia uma mais fiel tradução dos verbos empregues por Couto; pois, fosse Vdovina a manter, na frase russa, o valor negativo da latina, outras soluções deveriam ter sido encontradas no que respeita aos verbos, quiçá com prejuízo para a fidelidade à mensagem;

2. em seguida, inova Vdovina ao acrescentar entre parênteses retos o acusativo *способность* (que significa habilidade, capacidade, faculdade ou ainda *potência*), através do qual a tradutora torna claro que, no CJC, *aquilo que é levado pelo sinal ao conhecimento de algo outro* é, em qualquer caso, a *potência*. Que *способность* deva verter-se aqui por *potência* é descomplicado se atentamente consultada a mesma página da obra de Vdovina, na qual a tradutora se serve do dativo “познавательной способности (poznatel’noj sposobnosti)” para traduzir o latim “*potentiæ cognoscenti*”, o que é aliás traduzido por Coxito para português, conforme pode ler-se nas páginas 66 e 67 da já antes referida edição bilingue de 2013 do tratado de Couto, por *potência cognoscitiva*. Esta segunda inovação de Vdovina é muito feliz, pois no contexto da *Dialectica* de Couto é de facto tal *potência* a ser levada, pelo sinal, ao conhecimento de algo outro que o próprio sinal, sendo este entendido precisamente como o que quer que seja que leve a *potência cognoscitiva* ao conhecimento de *algo* que seja diferente do próprio *sinal*.

Pese embora Deely reconheça, ainda na página 362 de *MPhR*, o carácter revolucionário da escola de Coimbra sob o prisma da história do *signum*, ressalva o autor que nem todas as vertentes do desenvolvimento da pesquisa na forma como “first Fonseca and now the *Conimbricenses* influenced it” constituem motivo de alegria, pelo menos para quem tender a alegrar-se com a emergência de uma consciência semiótica pronta para reconhecer a ontologia *relacional* (em contraste com *substancial*) dos sinais de um modo geral.

Relativamente a Couto, John afirma que no *Cursus* se classificou o sinal como *being* ou “being like transcendental relatives in all cases”,

reconhecendo o *signum* como “consisting mainly and essentially, in the foundation for a given sign relation”, fundação esta que, por sua vez, se distingue por ser “a physical structure in the case of natural signs and a cultural construction in the case of conventional signs”.

Já na transição para a página seguinte, lê-se John a dizer que Fonseca marca como impossível, no âmbito do estudo dos sinais, que nos debruçemos sobre o sinal “as a general mode of being” passível de verificação “within as well as in material objects as seeming outside the mind”, pois não reconhece o autor das *Instituições dialéticas* “sign-status properly speaking to the concept”.

Há um desvio que Deely aponta ao CJC, diferente do defeito denunciado relativamente a Fonseca. Segundo John, há no tratado de Couto “a unified subject matter for semiotic inquiry”, isto é, um “common meaning behind the general term *signum*”, o que não se verifica em Fonseca, figura de proa da escola de Coimbra.

O significado comum que subjaz ao termo *signum* em Couto, acrescenta o autor, engloba não apenas o domínio da natureza ou dos objetos naturais, mas também o da expressão linguística e o dos conceitos.

Porém, a referida *unified subject matter* encontrada no *Cursus*, diz Deely, “consists in the different ways in which relations can be founded in the structures of subjective being”. Tal significa, adverte Deely, fazer da semiótica um estudo dos sinais na qualidade de relações transcendentais, isto é, um estudo da subjetividade como estando sujeita a ser compreendida por via de relações.

Assim sendo, “the price for unification of the doctrine of signs along this line drawn by the *Conimbricenses*”, toca John na ferida, “is enourmous”, e argumenta como se segue: “For if this position is correct, then the whole view of sign as consisting in a true relation, a suprasubjective mode of being as such”, isto é, uma relação ontológica ao invés de transcendental, “and an irreducibly triadic one at that, has been mistaken”.

O autor persiste:

What a sign consists in, [se formos a confiar em Couto] rather is the foundation from which a relation provenates, a *relatio secundum dici*, [que consiste] in the various factors which are necessary

to bring into consideration for the purpose of understanding the status of any individual being or event in its subjectivity within the physical surroundings.

Então, na esteira do CJC, afirma Deely, o sinal “does not consist in the relation itself so provenating, a *relatio secundum esse*”, isto é, uma relação “according to the way relation has being, an ontological relation”; porém, “if the sign does not consist in a true relation, it is difficult or impossible to see how it can serve as the medium of communication between two or more individuals of whatever species or type”.

Sob a perspectiva de John, tomar o sinal como consistindo numa relação transcendental implica reduzir a semiose ou ação dos sinais à força bruta da “physical interaction as leaving its marks”, interação à qual apenas com o recurso das aspas ousa o autor chamar de “communication”, pois acredita que as relações transcendentais “may give rise to a true relation as suprasubjective” sem por isso serem o bastante “to guarantee communication”.

Couto não terá sido capaz de tanto, mas Deely crê que a comunicação, para existir verdadeiramente, “requires *actual intersubjectivity*”, o que só pode garantir-se “as a possibility realizable within cognitive experience” como consequência de uma certa versatilidade das relações ontológicas a que o autor se refere como “the *indifference* of relation (according to its suprasubjective rationale) to the exercise of existence based on nature alone, cognition alone, or nature and cognition together”.

Tal indiferença das relações autênticas, no que diz respeito ao exercício da existência, ao facto de serem conhecidas ou não é o que constitui aquilo a que John designa por *fundamento suprasubjetivo* das relações ontológicas, permitindo-lhe falar sobre relações que se situam aquém e além relativamente à fronteira que oscila na separação entre o que depende e o que não depende da mente.

Já na página 364, Deely dá conta da vitória de Agostinho na esteira da publicação do CJC. Segundo o primeiro, a proposta agostiniana a favor da existência de uma “general notion” de *signum* é abraçada no texto de Couto; e daí John declarar que, no quadro do *Cursus*, “Augustine has won”, ainda quando essa vitória se tenha provado pírrica.

No seguimento, uma indelével farpa lançada pelo autor de *MPhR*: quicá, diz John, até mesmo Fonseca tivesse gostado de saber os termos em que os autores do CJC se desviaram das suas instruções, ao manobram uma unificação da semiótica.

Em que termos foi o *Cursus* afastado das orientações de Pedro da Fonseca? Como manejou Sebastião do Couto uma até à data insólita unificação da semiótica? Segundo Deely, foi o caso de uma poda mal feita em que se jogou por terra o próprio *signum*, reduzindo-se portanto a cinzas o objeto da doutrina dos sinais.

Deely não parece pestanejar ao dizer que os autores do *Cursus Conimbricensis* meteram os pés pelas mãos ao proporem a limitação da generalidade do *signum* à cognoscibilidade das relações transcendentais, embora tenha sido nessa base que deram o grande passo para a comunidade de pesquisa que foi abrir-se um precedente no exercício de dar-se uma nega ao parecer, até então legado e ainda agora passível de formar opinião, segundo o qual a proposta agostiniana relativamente à generalidade do *signum* não passaria de fabulação.

A doutrina dos sinais de Couto parece, no encalço de John, servir de prova de que uma determinada construção, mesmo quando assente sobre alicerces mal concebidos, pode continuar a revelar-se proveitosa, ou não haveria cabido a João de São Tomás o privilégio de superar, sob o prisma da semiótica geral e pela primeira vez na história, os mestres e os mestres do mestres, isto é: Couto e os demais autores do *Cursus*, tal como Fonseca ou Soto (e outros, como Escoto).

De acordo com Deely, coube a Poinsot, nas extremas da Idade Latina, libertar Agostinho de desconfiças e suspeitas infundadas, e por isso, ainda na página 364, tem início um novo subcapítulo em breve intitulado “The Vindication of Augustine”, no qual os autores do CJC são novamente evocados.

Sob a rubrica “Reaching the Type Constituting Whatever Token”, no fundo da página 368, nota 67 do capítulo, declara o autor que ainda em 1617 não se havia ido mais longe do que Couto no que respeita à doutrina dos sinais, não obstante o tratamento dado ao assunto por Francisco de Araújo, teólogo dominicano falecido já octogenário em 1664, este que John ajuíza ter deixado a *doctrina signorum* “in essentially the same circumstances assigned to it by the *Conimbricenses*”.

Assim, mesmo que Poinset estivesse já em 1617 a elucubrar um programa definitivo para escapar ao então já milenar labirinto do *signum*, assegura John que a tradição, com o CJC então na linha da frente, imperou até à publicação, em 1632, da *doctrina signorum* de João de São Tomás.

Deely parece julgar ser de se bradar que Poinset, endividado até aos cabelos não só mas sobretudo com relação a Couto, triunfou. O primeiro julga que tal capitólio representa o momento histórico em que se estabeleceu a razoabilidade da frágil, subdesenvolvida e, presumivelmente, largamente inconsciente hipótese que Agostinho meteu a circular quanto à generalidade do *signum*.

Volvidas cerca de duas dezenas de páginas, já findados os capítulos 10 e 11, é na segunda página do capítulo 12, intitulado “After Poinset (†1644): Peirce (†1914)”, que os autores do CJC voltam a ser referidos.

Na página 386 de *MPhR*, o autor faz novamente menção ao contributo do CJC na saída que se encontrou para dar de frosques do vão labirinto do *signum*, fora do qual a primeira pessoa a pisar terra foi João de São Tomás, seguido quase três séculos depois por Charles Peirce, que não teve a sorte de ser orientado pelas migalhas deixadas por aquele ao longo do caminho, por via da sua *doctrina signorum*.

Migalhas de Poinset: juntem-se à celebração da semiótica sem tristeza, pois não foi grave que Peirce não tenha podido seguir o vosso rasto. As migalhas lançadas pelos “undergraduate teachers” de João de São Tomás, assim se refere John aos autores do CJC, conduziram Peirce até tão cerca da porta da saída quanto conduziram o Doutor Profundo, isto é, João de São Tomás.

Segundo o autor, aos autores do CJC há que reconhecer o mérito de haverem estabelecido, no alvor do século XVII, “the necessarily triadic fact that three terms are involved in the being of signs”.

Uma vez reconhecido o mérito, Deely surge com uma ressalva: “even the *Conimbricenses* seem still to have thought mainly in terms of particulars”, isto é, confundindo o sinal com o veículo de significação, que é apenas um dos termos envolvidos no sinal enquanto relação triádica.

Que o sinal participe numa relação triádica juntamente com um objeto e um organismo ou potência cognoscitiva, conforme preconizado

por Couto, ou seja o próprio sinal uma relação entre um veículo, um objeto e um organismo ou interpretante, conforme se reconhece no seio na Idade da Relação, aparece aos ouvidos desatentos como uma mera subtileza do discurso, mas representa, segundo John, uma diferença monumental para a comunidade de pesquisa.

É na qualidade de pesquisador que Deely aponta o dedo aos autores do CJC, dizendo que a pesquisa destes não deu conta de ultrapassar os termos da “accustomed manner of speaking of that particular which performs the function of representing the particular object signified to the particular organism made aware of that object as being the ‘sign’ properly called”.

Uma extraordinária diferença, que pode parecer um detalhe descartável, é o suficiente para John empurrar os autores do CJC para fora da história da semiótica e para a sua não menos significativa proto-história, na qual ocupam um lugar de eleição.

Volvidas algumas páginas, já sob a rubrica “What Peirce Learned from Reading the Latins”, é no último parágrafo da página 390 que o autor insiste em fazer referência aos autores do CJC por razões já antes evocadas.

Foi no universo textual do legado filosófico latino que Peirce soube ler a tematização do *signum*, o que de acordo com Deely lhe permitiu operar uma revolução filosófica simultaneamente pós-medieval e pós-moderna, no primeiro caso por levar a pesquisa a todos os cantos da natureza, incluindo os domínios nunca antes explorados pela humanidade, e no segundo por recusar “the Way of Ideas” distintiva não da ciência mas da epistemologia moderna, que por sua vez tendia a levar à descredibilização dos sentidos e à tentativa de estabelecer “new foundations for the whole of human knowledge” com base no pressuposto de que “our own ideas are in fact the first and only direct objects attained in awareness”, o que terá levado a comunidade de pesquisa filosófica em peso a isolar o animal humano “within its own private world”.

Nas palavras de John, “what Peirce picked up from his reading of the Latins”, incluindo os autores do CJC, “was the trail of the sign”. Não obstante o autor dar aqui menos destaque a estes e a Fonseca que a Aquino e, sobretudo, Escoto, reitera ainda que “by reading the *Conimbricenses* in particular”, o fundador da semiótica norte-americana

“came to share with Peirce some common theoretical background” que o levou a legar à posteridade “some teachings in common” com o Doutor Profundo, facto essencial para compreender as causas da reabilitação do pensamento deste no seio da comunidade de pesquisa contemporânea, muito particularmente na esfera estadunidense.

Como João de São Tomás, Peirce soube deixar-se afetar pela sugestão triádica da protossemiótica de Couto sem que o impacto lhe enevoasse a capacidade de julgar com independência haverem nela desacertos, como já acima foi exposto por exemplo no que respeita aos alicerces deste então controverso empreendimento coimbrão de avançar com uma unificação da doutrina dos sinais.

Os desacertos do CJC, como tem sido dado a entender por Deely, foram sobrelevados por Peirce na medida em que este reconheceu que o ser dos sinais não se limita a constituir um facto triádico qualquer no palmo de terra da relação transcendental ou subjetividade, mas sim uma relação ontológica triádica e, como tal, situada simultaneamente para cá e para lá das fronteiras entre razão e mundo, cultura e natureza, corpo e mente, realidade e ficção... enfim!

Ao folhear-se o aparato crítico de *MPhR*, é na secção das referências bibliográficas que encontraremos John a apontar para a *Dialectica* de Couto. Tivesse o autor dedicado um número mais largo de páginas ao CJC como fonte latina da semiótica de Peirce, com toda a probabilidade estaríamos a deparar-nos aqui com uma referência ao tratado antropológico de Góis, Álvares e Magalhães sobre a alma.

A comunidade de pesquisa, mormente na abrangente esfera anglófona, deve estar já a comer com os olhos a ideia de ver o tratado coimbrão *de Anima* traduzido para a língua franca da atualidade, ou não tivessem os ponteiros sido já bem acertados relativamente ao facto de que Peirce bebeu de pelo menos duas taças coimbrãs no contexto do *Cursus*, nomeadamente os tratados sobre lógica e antropologia.⁴²

Conviria à comunidade de pesquisa de um modo geral uma ainda maior profundidade no estudo sobre o influxo do CJC em Peirce, quanto mais não fosse para que se passasse a dispor de informação

⁴² Sigam-se as recomendações de leitura *supra*, onde se pode encontrar alguma informação sobre este assunto.

mais detalhada para avaliar o papel dos autores do *Cursus* na história do *signum* e na proto-história da semiótica, e previsivelmente também para melhor triangular a informação genética partilhada entre Peirce e Poincaré.

Será tempo bem gasto que se voltem mais algumas páginas de forma a encontrar uma listagem de obras de Doyle, de relevo para qualquer pessoa interessada na pesquisa sobre a escolástica tardia e, acima de tudo, a escola de Coimbra, muito em particular o *Cursus Conimbricensis*.

Não obstante estar *MPhR* já com as páginas praticamente contadas, é ainda possível encontrar na “Timetable of Latin Age Figures” o nome dos autores do CJC e o próprio *Cursus* a formarem uma mão cheia de entidades referidas de maneira independente.

Assim é, pois na página 506 que Deely nomeia Góis, Magalhães, Álvares, Couto e ainda “the *Conimbricenses*”, aplicando itálico neste caso e fazendo a entrada ser acompanhada pela datação correspondente ao período completo compreendido pela faseada publicação integral da primeira edição do CJC.

Evidentemente que John diz “the *Conimbricenses*” de modo a designar os vários volumes do CJC, a única obra, para além do *Alcorão*, a merecer por parte de John uma entrada sob o signo da autarquia e da graça no contexto do referido cronograma.

Considerações finais

Esta frágil incursão na esfera da situação do CJC no contexto das obras de Deely não constituiu nenhuma revolução científica, nem mesmo historiográfica, tendo porém sido significativamente sugestiva para futuras pesquisas sobre o tema e relativamente ao quão seriamente deve ser considerado o impacto do CJC na América do Norte, muito particularmente nos Estados Unidos da América, na Idade da Relação no seu conjunto e na história da filosofia de um modo geral.

Não há dúvida de que esta pesquisa ficou por acabar, uma vez que muitas mais publicações de Deely estão relacionadas com o CJC; e, bem entendido, não só é provável que mais publicações deverão ser acrescentadas a esta lista, pois aqui apenas coletamos obras às quais nos

foi possível aceder, como é certo que as publicações aqui examinadas apenas foram objeto de uma observação bastante preliminar.

O CJC não precisou de Deely para que as suas letras repercutissem até ao nosso século. Contudo, foi Deely um seu grande promotor hodierno, e talvez só de agora a um século estejamos em condições de aferir o impacto de toda a pesquisa dedicada pelo Doutor John Deely ao *Cursus*, à escola de Coimbra e à Idade Latina de um modo geral nas releituras que a comunidade de pesquisa vá dedicando à história da filosofia e da ciência de um modo geral.

Não obstante estar ainda largamente por aferir, a dimensão do impacto da vida e das obras de Deely no que respeita à valorização, à escala internacional, no nosso tempo e no futuro, do legado filosófico conimbricense é mais do que aparente.

Não torna isso desnecessário que a nossa e as seguintes gerações se dediquem a alargar e aprofundar este estudo. Aliás, muito pelo contrário, pois o amanhã já parece piscar o olho à comunidade de pesquisa, como quem diz valer a pena procurar tesouros nestas terras cujo primeiro esboço de um mapa aqui se esboçou.

Abre-se ainda a porta para aprofundar o estudo do impacto do CJC sobre as doutrinas de Deely — digno, como estas, de estudo por si mesmo — e, como se viu, várias janelas para o estudo de outras matérias candentes, como a relação entre o Doutor John Deely e Poincaré.

A Via dos Sinais manteve-se fértil, volvidos alguns séculos, para que figuras como Peirce e Deely pudessem posicionar-se doutrinariamente e descobrir a proveniência íntima de cada um de nós que, nos termos da Via das Relações, nos movemos em direção a um entendimento humano francamente pós-moderno.

Será talvez lícito observar que a sensibilidade latina não é só de Deely, mas é mais globalmente um enchimento das malhas de uma inteligência relacional ou pós-moderna. Decerto que Deely concordaria.

Este sistema cerebral que a comunidade científica ativa nos Estados Unidos da América, em particular em Chicago, engendrou para que todos nós façamos bom proveito, esta cultura semiótica contemporânea, talvez apenas se sustente graças ao batimento de um coração latino no atual corpo pós-moderno.

Muito do sangue bombeado na Idade das Relações circula através de artérias coimbrãs, sendo desejável que as pessoas que estão em vias de explorar as propostas relacionais de Deely o saibam.

Obras citadas

BAKER, Baranna, Brian Kemple, Brooke Williams Deely, Farouk Y. Seif, Hamid Malekzadeh, Inna Gennadievna Merkulova, Jamin Pelkey, et al. “Opening Ceremony”, Discursos na inauguração do International Open Seminar on Semiotics: a Tribute to John Deely on the Fifth Anniversary of His Passing (IO2S DEELY), 7 de Janeiro de 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5832152>.

CARVALHO, Mário Santiago de. *O curso aristotélico jesuíta conimbricense*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1544-8>. Também disponível em acesso aberto para uma leitura em inglês, *The Coimbra Jesuit Aristotelian Course*. 1ª ed. Coimbra University Press, 2018. <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/43618/1/The%20Coimbra%20Jesuit%20Aristotelian%20Course.pdf>.

_____, Mário Santiago de. “Álvares, Baltasar (*Conimbricenses Encyclopedia*)”. Em *Conimbricenses.Org Encyclopedia*, editado por Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2019. <http://www.Conimbricenses.org/encyclopedia/alvares-baltasar/>.

_____, Mário Santiago de. “Góis, Manuel De”. Em *Conimbricenses.Org Encyclopedia*, editado por Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2020. <http://www.Conimbricenses.org/encyclopedia/couto-sebastiao-do/>.

COUTO, Sebastião do. *The Conimbricenses: Some Questions on Signs*. Traduzido por John P. Doyle. Mediaeval Philosophical Texts in Translation 38. Milwaukee, Wis: Marquette University Press, 2001.

_____, Sebastião do. *Os sinais. De signis*. Editado e traduzido por Amândio Coxito. Porto: Edições Afrontamento, 2013.

- DEELY, John. “The relation of logic to semiotics”. *Semiotica* 35, n. 3–4 (1981): 193–265. <https://doi.org/10.1515/semi.1981.35.3–4.193>.
- _____, John. *Introducing Semiotic: Its History and Doctrine*. Indiana University Press, 1982. <https://doi.org/10.2307/j.ctv128fpfv>.
- _____, John. *Basics of Semiotics*. Advances in Semiotics. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- _____, John. *Purely Objective Reality*. Semiotics, Communication and Cognition 4. Berlin ; New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- _____, John. *Semiotic animal: a postmodern definition of “human being” transcending Patriarchy and Feminism*. South Bend, IN: St. Augustine’s Press, 2010.
- _____, John. *Medieval Philosophy Redefined: The Development of Cenoscopic Science, AD354 to 1644 (From the Birth of Augustine to the Death of Poinsot)*. Scranton, PA: University of Scranton Press, 2010. <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/distributed/M/bo10192605.html>.
- _____, John. “Semiotic entanglement: The concepts of environment, Umwelt, and Lebenswelt in semiotic perspective”, *Semiotica* 2014, n. 199 (1 de janeiro de 2014). <https://doi.org/10.1515/sem-2013–0085>.
- _____, John. *Logic as a Liberal Art*. Editado por C. S. Morrissey. Nanjing Shi: Nanjing Normal University Press, 2020.
- DOYLE, John P. “The *Conimbricenses* on the Relations Involved in Signs”. Em *Semiotics 1984*, editado por John Deely, 567–76. Lanham, MD ; London: University Press of America, 1985.
- FONSECA, Pedro da. *Instituições Dialécticas*. Traduzido por Joaquim Ferreira Gomes. 2 vols. Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964.
- POINSOT, John. *Tractatus de Signis: The Semiotic of John Poinsot*. Editado e traduzido por John Deely. 1st ed. Berkeley: University of California Press, 1985.

SANTAELLA, Lucia. “Review of *Tractatus de Signis. The Semiotic of John Peirce*”, revisto por John N. Deely e Ralph Austin Powell. *The Journal of Speculative Philosophy* 5, n. 2 (1991): 151–59.

_____, Lucia; SHANK, Gary; NIKITENKO, Yulia. “Mind and Cognition at Play in the Semiotics of Peirce, by Lucia Santaella”. Apresentado na International Open Seminar on Semiotics: a Tribute to John Deely on the Fifth Anniversary of His Passing (IO2S DEELY), 12 de fevereiro de 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.6062103>.

SONESSON, Göran; MENDOZA-COLLAZOS, Juan; BERISHA, Elma. “What Is Cognitive Semiotics?, by Göran Sonesson”. Apresentado no International Open Seminar on Semiotics: a Tribute to John Deely on the Fifth Anniversary of His Passing (IO2S DEELY), 25 de fevereiro de 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.6299913>.

Вдовина, Галина [Vdovina, Galina]. *Язык неочевидного. Учения о знаках в схоластике XVII века [Jazyk neočevídnogo: učeníja o znakach v scholastike XVII veka / A linguagem daquilo que não é óbvio. A doutrina dos sinais na escolástica do século XVII]*. Bibliotheca Ignatiana Nauka. Moscow: Inst. filosofii, teologi i istorii sv. Fomy, 2009.